

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS

Instituto de Ciências Humanas

Curso de Bacharelado em Museologia



Trabalho de Conclusão de Curso

Patrimônio rural: um estudo de caso no Museu Gruppelli, Pelotas/RS

Maurício André Maschke Pinheiro

Pelotas, 2021

Universidade Federal de Pelotas / Sistema de Bibliotecas
Catalogação na Publicação

P654p Pinheiro, Maurício André Maschke

Patrimônio rural : um estudo de caso no Museu Gruppelli/RS / Maurício André Maschke Pinheiro ; Diego Lemos Ribeiro, orientador. — Pelotas, 2021.

102 f. : il.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Museologia) — Instituto de Ciências Humanas, Universidade Federal de Pelotas, 2021.

1. Museu Gruppelli. 2. Patrimônio rural. 3. Ruralidades. I. Ribeiro, Diego Lemos, orient. II. Título.

CDD : 069

Maurício André Maschke Pinheiro

Patrimônio rural: um estudo de caso no Museu Gruppelli, Pelotas/RS

Trabalho de Conclusão de curso
apresentado ao Curso de
Bacharelado em Museologia da
Universidade Federal de Pelotas,
como requisito parcial à obtenção do
título de Bacharel em Museologia.

Orientador: Diego Lemos Ribeiro

Pelotas, 2021

Maurício André Maschke Pinheiro

Patrimônio rural: um estudo de caso no Museu Gruppelli, Pelotas/RS

Trabalho de Conclusão de Curso aprovado, como requisito parcial, para obtenção do grau de Bacharel em Museologia, Instituto de Ciências Humanas, Universidade Federal de Pelotas.

Data de defesa: 17/06/2021

Banca examinadora:

Prof. Dr. Diego Lemos Ribeiro

Doutor em Arqueologia pela Universidade Federal de Pelotas.

Prof.^a Dr. Fábio Vergara Cerqueira

Doutor em Ciência Social pela Universidade Federal De São Paulo

Dedico este trabalho à minha mãe, Marlete; meu avô, André; minha irmã, Larissa; e aos moradores da zona rural.

Agradecimentos

Nesta longa trajetória no Curso de Museologia, foram muitas lutas, conquistas e vitórias, e muitas pessoas foram essenciais para chegar ao objetivo de formar Bacharel em Museologia UFPel .

Agradeço ao meu avô, André, minha irmã, Larissa, e minha mãe, Marlete, pela compreensão e apoio durante esse período.

Também agradeço à família Gruppelli, pela confiança, pelo respeito e apoio. Levarei por minha vida o carinho que tiveram por mim, sempre.

À equipe do Projeto Revitalização do Museu Gruppelli, pela parceria e coletividade em realizar as tarefas e conquistar os objetivos traçados em nossas reuniões.

Um agradecimento especial ao meu grande amigo José Paulo Brahm, que sempre me ajudou, me incentivou e ficou ao meu lado em todos os momentos deste longo percurso.

E, é claro, ao professor Diego Lemos Ribeiro, pelo incentivo, pelo apoio, por acreditar em mim; sem ele, este trabalho não teria sido possível.

"De modo claro, os museus fazem parte dos lugares que, na ordem do coletivo, suscitam sonhos."(BENJAMIN,1996)

Resumo

PINHEIRO, Maurício André Maschke. **Patrimônio rural: um estudo de caso no Museu Gruppelli, Pelotas/RS.** 2021. 99 f. Monografia (Graduação) – Curso de Bacharelado em Museologia, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas/RS, 2021.

O presente trabalho tem como tema o patrimônio rural, tendo como estudo de caso a localidade do Gruppelli, zona rural de Pelotas/RS. A pesquisa objetivou identificar o que se pode considerar patrimônio rural na região, contribuindo para a discussão sobre o tema do patrimônio no país, a partir de uma visão mais humana e multivocal. O estudo se deu a partir de entrevistas com as pessoas divididas em três dimensões: público que visita a localidade, fundadores do Museu Gruppelli e Academia. Para a realização desse trabalho, foi utilizado o prazo de 2019-2021; devido à pandemia do Coronavírus, a pesquisa foi realizada com o público presencialmente e com os fundadores do Museu e Academia através de entrevistas gravadas por áudio. Colhemos resultados nessas três dimensões e os comparamos a fim de conceber o conceito mais correto para patrimônio rural. Alguns resultados a que chegamos foram relacionados ao modo de vida na zona rural de Pelotas e à relação com a natureza, às divisões entre patrimônio material rural e patrimônio imaterial rural, além de ser possível diagnosticar as características que cada uma das dimensões considera importante ser preservadas.

Palavras-chaves: Museu Gruppelli; patrimônio rural; ruralidades

Abstract

Maurício André Maschke Pinheiro. Rural heritage: a **case study at Gruppelli Museum, Pelotas/RS**. 2021, 99 f. Monography (College) – Bachelor's Degree in Museology, Institute of Human Sciences, Federal University of Pelotas, Pelotas/RS, 2021.

This present work has as its theme the rural heritage, identified by a case study in Gruppelli locality, rural area of Pelotas/RS. The research aimed to identify what can be considered rural heritage in the region, contributing to the discussion on the theme of heritage in the country from a more human and multivocal view. The research happened through interviews with people divided into three dimensions: audience visiting the location, founders of the Gruppelli Museum, local residents and Academy. To carry out this work, the deadline of 2019-2021 was used; due to Coronavirus pandemic, the research was carried out in person just for visitors; founders of the Museum and Academy representatives were interviewed through social networks. Results were received and compared in order to conceive a better concept for rural heritage. Some of the results were related to the way of life in the rural area of Pelotas and the relationship with nature, divisions between rural material heritage and rural intangible heritage, in addition to diagnosing the characteristics that each dimension considers important to be preserved.

Keywords: Gruppelli Museum; ruralities; rural heritage

Listas de Abreviaturas e Siglas

CNRC – Centro Nacional de Referência Cultural

UFPEL – Universidade Federal de Pelotas

Lista de figuras

Figura 1: Casa Gruppelli.....	41
Figura 2: Parque Gruppelli.....	42
Figura 3: Arroio Quilombo.....	43
Figura 4: Museu Gruppelli	43
Figura 5: Entrada do Museu Gruppelli	44

Sumário

Introdução.....	12
1. Patrimônio no Brasil.....	21
Ruralidades.....	27
Patrimônio rural	32
2 Casa Gruppelli.....	36
Museu Gruppelli como cenário	46
Patrimônios rurais do sítio Gruppelli	50
Considerações finais.....	67
Referências	69
Apêndices.....	74

Introdução

Nos dias de hoje, o patrimônio apresenta diversas categorizações, como o patrimônio arquivístico, patrimônio digital, patrimônio paisagístico, entre outras. Trata-se de diversas designações que retratam a permeabilidade desta categoria atualmente. Conforme destaca Gonçalves (2005, p. 17):

Falamos dos patrimônios econômicos e financeiros, dos patrimônios imobiliários; referimo-nos ao patrimônio econômico e financeiro de uma empresa, de um país, de uma família, de um indivíduo; usamos também a noção de patrimônios culturais, arquitetônicos, históricos, artísticos, etnográficos, ecológicos, genéticos; sem falar nos patrimônios intangíveis, de recente e oportuna formulação no Brasil.

Entre essas tantas tipologias de patrimônios podemos incluir, ainda, a de natureza –rural. A categoria de patrimônio rural é o cerne deste estudo. A pesquisa aqui desenvolvida tem como objetivo principal identificar a percepção que as pessoas têm do sítio em que se localiza o Museu Gruppelli, caracterizado pela ruralidade, em três dimensões: do discurso do museu, do público visitante e dos moradores locais, dentro de uma perspectiva patrimonial.

Para analisar a categoria de patrimônio rural em situação, propomos um estudo de caso no Museu Gruppelli e o cenário circundante. O Museu está localizado no sétimo distrito de Pelotas e foi criado por uma vontade de memória da comunidade local, sendo os primeiros objetos coletados por volta de 1990, momento em que se inicia a criação do Museu, a partir de um olhar museológico da população local sobre a cultura material. Podemos compreender esse processo a partir do conceito denominado de musealidade, ou olhar museal sobre a realidade. Segundo Chagas (1994, p. 52):

Um olhar constituidor de signos, a medida em que busca um 'outro' sentido além do sentido aparente. Um olhar que sem eliminar definitivamente a função primeira dos objetos/bens culturais, acrescenta-lhes novas funções, transformando-os em representações, em semióforos, em documentos ou suportes de informação. Um olhar, enfim, que transforma os mais diferentes espaços/cenários em museu.

A motivação para a realização deste trabalho vem da participação do autor no —Projeto de extensão revitalização do Museu Gruppelli, em que estamos atuando desde 2015. Durante este período, foram realizadas diversas atividades no escopo

do projeto, em que se podem citar algumas delas, como mediação para grupos, reorganização da documentação museológica, montagem de exposições temporárias, dentre outras.

Nesse meio tempo, foi possível notar vários aspectos interessantes em relação ao público, em especial a relação de aproximação das pessoas com os objetos, do ponto de vista afetivo e memorial; muitas pessoas vêm ao museu em busca de rever objetos que pertenceram à sua infância, ao cotidiano ou que tiveram convívio com eles em algum momento da vida. Recentemente, tivemos um caso no Museu bem curioso: uma senhora sentia tanta alegria em rever o tacho, que acabava fazendo carinho no mesmo, como se fosse a materialização de uma pessoa. Segundo Meneses (1983, p. 112):

Para analisar, portanto, a cultura material, é preciso situá-la como suporte material, físico, imediatamente concreto, da produção e reprodução da vida social. Conforme esse enquadramento, os artefatos — que constituem, como já foi afirmado, o principal contingente da cultura material — têm que ser considerados sob duplo aspecto: como produtos e como vetores de relações sociais.

Os objetos dispostos no Museu são –simples!, muitos deles objetos de uso cotidiano. Em grande parte, diversos desses artefatos ainda repousam nos galpões de casa. Partimos da premissa de que o que chama atenção do público não é o objeto em si, mas todo o estrato de afetividade que cada um deles desperta nos sujeitos; há, por trás deles, uma narrativa de representatividade, que revela emoções que se interligam por serem objetos do uso no cotidiano do campo. Mesmo sabendo que em um museu não é recomendável tocar nos objetos, alguns visitantes sentem a necessidade de tocar, sentir, mostrar para as novas gerações como é que se utilizava cada um deles. A partir dessas experiências, ficamos pensando quantas vezes o pilão moeu milho, o moedor moeu a carne, o tacho fez doce, e o barbeiro aparou cabelo e barba. Todos esses elementos povoam o imaginário do visitante que, mais do que uma simples visita, precisa viver ou recordar os bons momentos juntos desses objetos.

Então, começa-se a pensar sobre o que as pessoas buscam no Museu. Seria apenas o museu que proporcionaria essa experiência ou seria todo o sítio? Para isso, percebemos que o objeto não está isolado, mas há um contexto simbólico por trás advindo de memórias adquiridas durante sua vida utilitária, que, por sua vez, está diretamente conectado ao próprio território, que se caracteriza pela ruralidade.

Quando vemos um objeto, podemos, através dele, lembrar momentos do tempo em que era um objeto utilitário, e cuja potência simbólica é atualizada quando inserido na categoria de coleção. Segundo Pomian(1984, p.82), -objetos que não têm utilidade, no sentido que acaba de ser precisado, mas que representam o invisível, são dotados de um significado; não sendo manipulados, mas expostos ao olhar, não sofrem usurall .

Além disso, o próprio autor desse trabalho utilizou vários objetos expostos no Museu, a maioria destinados ao trabalho rural, como debulhador de milho, capinadeira, arado, plantadeira manual etc. Dessa experiência, trouxe para a pesquisa a vontade de que se mantivessem presentes as memórias das coisas que viveu na colônia. Assim como alguns visitantes, o pesquisador também compartilha de uma memória vivida sobre esses referenciais de patrimônio, caracterizados pela ruralidade.

Nesse tempo, diversas dúvidas e perguntas surgiram, como: o que as pessoas que vêm até o Gruppelli buscam no local? As pessoas vão apenas para almoçar, para participarem das festas que acontecem, acompanhar o futebol colonial, tomar um mate debaixo da árvore, ou mesmo tudo isto junto? Enfim, o que as pessoas buscam na paisagem? Em outros termos, interessa-nos compreender quais são os elementos que configurariam o patrimônio nesse cenário rural, designado aqui como patrimônio rural.

Ao operacionalizar a pesquisa, indagamos também se nós, da Academia, compartilhamos da mesma ideia de patrimônio que as pessoas que frequentam o local. Partimos do entendimento de que um mesmo bem patrimonial pode ter diversos olhares dependendo da relação que se tem com o objeto, conforme nos alerta Tornatore (2009, p. 4), quando cita o caso de um castelo francês, que foi destruído:

A surpresa desse alto funcionário da cultura é heurística: ele salienta o hiato que pode existir entre duas formas de ligação com o castelo e, portanto, duas formas de emoção patrimonial, duas posturas emocionais. Para alguns, como para ele, choram pelo testemunho da História, as pedras e os objetos danificados, ao mesmo tempo em que a perda de uma riqueza cultural; ao passo que para outros, como esse dentista, choram pelas lembranças que se foram com a fumaça e seus suportes materiais.

Há uma multiplicidade do patrimônio, tendo várias versões possíveis da narrativa dos objetos expostos. Um exemplo disso é a foice, que estando no Museu

tem a história descrita por seu doador; no espaço expositivo, cria novas dimensões trazidas por detalhes cotados pelos visitantes. Nesse caso, descobrimos que essa foice foi fabricada para um canhoto trabalhar, utilizada mais para o serviço de corte de arroz e trigo e, muitas vezes, fabricada na região por um marceneiro/ferreiro(BRAHM, 2018).

Nesta mesma direção proposta por Tornatore, Chagas (2009, p. 215) esclarece que:

Enquanto dois corpos não podem ocupar o mesmo lugar no espaço, dois ou mais sentidos podem ocupar um mesmo corpo patrimonial, uma vez que eles (os sentidos) estão na dependência do lugar social que a ele (o corpo) é destinado. Esse lugar social, no entanto, é dado pelas relações dos indivíduos e dos grupos sociais com o referido corpo, do que decorre o seu alto grau de volatilidade e seu baixíssimo grau de fixidez. A capacidade de os corpos patrimoniais encarnarem múltiplos sentidos contribui para a ampliação de tensões e conflitos.

Essas diferentes formas de ver o patrimônio podem povoar um mesmo bem patrimonial, e isso depende da relação dos objetos com os sujeitos, dentro de um determinado cenário (a paisagem em que repousa o Museu). Por este ponto de vista, propomos investigar como as pessoas se relacionam com o objeto em suas extensões, ou seja, a própria paisagem. Muitos na região são agricultores, vivem da renda do campo e preservam seus costumes e modos de vida para manter suas famílias. Na produção dos alimentos, vários objetos que estão no Museu ainda são utilizados. É o caso do arado, da semeadeira e da plantadeira manual, por exemplo, utensílios de grande importância na plantação. Por um lado, esses instrumentos podem ser considerados, pela Academia, como patrimônio; talvez para os moradores sejam apenas objetos do cotidiano; muitos deles repousam em casa, no galpão ou mesmo —atirados no pátio. Pretende-se investigar justamente quais são os conflitos inerentes a esses objetos, suas extensões e limites, quando operamos o conceito de patrimônio rural, assim como o que deve permanecer nesse cenário e de que forma.

Apesar de o Museu trabalhar com determinados aspectos do patrimônio, sobretudo ao designar o que é acervo do Museu, nunca chegou a investigar com profundidade quais seriam os referenciais patrimoniais desta região, pelo ponto de vista dos moradores locais e daqueles que interagem com o Museu. Afinal, como as pessoas enxergam esse patrimônio? Quais seriam os referenciais de patrimônio para os transeuntes? E quais elementos devem ser preservados, no contexto rural,

para os moradores locais?

O Museu Gruppelli foi criado em 1998, por iniciativa da comunidade local, em perspectiva de criar um espaço que preservasse os usos e costumes da região. Então, uma frente criada por Neiva Vieira (professora), seu amigo Neco Tavares e a família Gruppelli começam formar a coleção, com objetos adquiridos nas redondezas começando a criação do patrimônio, na medida em que eles criam um lugar de preservação e passam a nomear de Museu. Para os fins desta pesquisa, consideramos a concepção das coleções como uma maneira de formar patrimônios. Em entrevista, Paulo Ricardo Gruppelli conta como foi o processo de seleção dos objetos que estariam expostos no Museu:

Aqueles objetos estavam à disposição, já existiam dentro do Museu e algumas peças da casa...E então a gente começou a recolher e a juntar muitos já tinham lá dentro e a gente foi juntando aquelas peças, aqueles objetos e foram escolhidos aqueles que tinham maior vínculo, maior proximidade com a colônia. Realmente, alguma coisa a gente tirou pra fora e outras a gente descartou e aqueles ali que ficaram eram os que mais se identificavam com a região, objetos de atividades que eram mais procurados. A gente mais ou menos fez um apanhado, um histórico deles e optamos por aqueles ali.E alguns objetos, pra complementar, pra não colocar objetos idênticos e parecidos, a gente ganhou uns de doação e também se adquiriu alguns dos colonos da região e então a gente montou com o que tava mais a mão, mais disponível e falavam algo sobre a nossa colônia(GRUPPELLI,2021).

Dez anos mais tarde,foi criado o projeto de extensão —Revitalização do Museu Gruppellill, vinculado à Universidade Federal de Pelotas, que trouxe um olhar mais teórico para o Museu, levando a ideia dos precursores adiante, criando formas de preservação e reorganizando cenários diferentes, assim contando o cotidiano rural.

No Museu Gruppelli,encontram-se muitos desses objetos, comuns no meio rural, como destaca Carvalho (2006, p. 297):

No mundo rural, destacam-se as técnicas e os saber-fazer no âmbito de atividades como a agricultura, a criação de gado/pecuária, a silvicultura, o artesanato e outras artes e ofícios tradicionais; as músicas e as festividades; os momentos mais marcantes do ciclo etnográfico (matança do porco, descamisada, apanha e moagem da azeitona), as tradições orais, entre outras.

Essa pesquisa tem como objetivo identificar a percepção que as pessoas têm do local em que se localiza o Museu Gruppelli, caracterizado pela ruralidade, em três dimensões: do discurso do museu, do público visitante e dos moradores locais, dentro de uma perspectiva patrimonial.

A partir dessas ideias iniciais, começamos a nos perguntar: será que o público

que visita o local, os fundadores do Museu e a Academia compartilham da mesma opinião sobre o que deve ser preservado? O que essas três dimensões pesquisadas consideram como patrimônio? O que eles acham que deve ser importante manter na região? Será que a perspectiva de patrimônio estruturada no Museu corresponde à percepção que os públicos têm desses patrimônios em contexto rural?

A partir dessas indagações, a pesquisa será desenvolvida. Busca-se como resultado um amadurecimento do conceito de patrimônio rural, a partir de uma perspectiva multivocal. Compreendemos que, para traçarmos um paralelo sobre o que seria patrimônio rural, é importante ter visões diferentes, trazendo o olhar teórico da Academia juntamente com a prática de quem vive ou se relaciona com as atividades e os costumes vivenciados no campo.

Como desdobramento do objetivo geral, focaremos nos objetivos específicos a investigação sobre as diferentes formas de perceber e se apropriar do patrimônio rural; compreender o papel que o Museu tem na construção de uma ideia de patrimônio rural; inventariar as referências patrimoniais mencionadas nos discursos sobre o sítio em que se localiza o Museu; investigar as diferentes formas de perceber e se apropriar do patrimônio rural.

O conceito de patrimônio rural ainda está em construção, embora já existam autores que trabalham com esta categoria. Contudo, parte deles ainda observa esta dimensão do patrimônio de forma a considerar apenas as referências materiais, ou mesmo a partir de uma lógica acadêmica, que no escopo da pesquisa consideramos restritiva. Nesse sentido, pretende-se com esta pesquisa contribuir para a ampliação e o amadurecimento do conceito de patrimônio rural, desde uma perspectiva que vem dos sujeitos que vivem e se apropriam dos patrimônios, sem perder de vista a reflexão teórica exigida.

Igualmente, nem todos os autores que trabalham com esta categoria a percebem de forma convergente. A exemplo disso, podemos mencionar o patrimônio rural paulista, a partir de Carvalho e Chiva (2011). Para estes autores, o patrimônio rural traduziria aqueles elementos que orbitam as fazendas de grande poder econômico em São Paulo, destacando galpões e casarões que funcionaram por muito tempo como local de produção e exportação de produtos agrícolas.

Aqui na Região Sul, a configuração do patrimônio rural é mais modesta. Nos

museus coloniais da Serra dos Tapes, a modo de exemplo, trabalha-se com objetos do próprio cotidiano rural; são eles: foice, capinadeira, arado, debulhador de milho, entre outros. Esses são objetos manuais e vinculados à lida rural, provavelmente por a região ter sido ocupada por uma onda imigratória que guarda particularidades, já que os próprios imigrantes plantavam e produziam os produtos, sendo gerados mais para consumo próprio dentro das famílias, ao contrário das citadas fazendas paulistas, que geravam seus produtos para importação e exportação. Esses bens patrimoniais estão mais ligados à ideia de um itinerário rural, no qual todo o contexto, material e imaterial, local e paisagístico, está inserido; no segundo, parece-nos que o foco está no turismo em massa.

Pretende-se com este trabalho contribuir no debate sobre o tema do patrimônio rural no país, dando destaque a uma dimensão mais humanizada deste patrimônio. Na perspectiva adotada nesta pesquisa, consideramos que o patrimônio rural deve se aproximar dos modos de vida dos sujeitos, focando o patrimônio a partir de um prisma multicultural, multivocal, que reside no cotidiano, sobretudo voltado para sua dimensão social e humana. Será importante debater sobre o patrimônio rural, igualmente, para a divulgação e valorização do tema na região, demonstrando através dessa pesquisa os modos de saber-fazer do cotidiano rural na localidade do Gruppelli.

Para investigarmos o patrimônio rural na região, faremos uso da pesquisa exploratória, nesse caso de uma forma mais flexível com entrevistas, em três dimensões (público, moradores locais e Academia). De acordo com Gil (2007), a pesquisa exploratória visa a maior aproximação, maior familiaridade com o problema, explicitando-o. Com um planejamento mais flexível, permite-se a consideração de variados aspectos. Na maioria das vezes, assume a condição de pesquisa bibliográfica ou de estudo de caso, segundo Gil (2007), e envolve levantamento bibliográfico, entrevistas e análises de elementos diversos (do conteúdo, do discurso, de exemplos).

Primeiramente, compreenderemos como o público que visita o Museu se relaciona com a localidade. Preferimos dialogar com as pessoas que visitam o Museu, embora este não seja o foco da pesquisa, uma vez que essas pessoas têm dupla visão sobre o patrimônio, institucionalizado sobre o que é patrimônio, a partir de sua visita, e ao mesmo tempo sobre a paisagem ao redor. O público alvo foi

selecionado escolhido de forma aleatória, com entrevistas semi-estruturadas, buscando, assim, um resultado de ampla diversidade de respostas.

Num segundo momento, entrevistamos os moradores locais. Para os fins desta pesquisa, que é breve em razão de sua natureza, dedicamo-nos a compreender a visão de dois interlocutores-chave: Ricardo Gruppelli (proprietário do sítio onde está o Museu Gruppelli) e Margareth Vieira, filha de Neiva Vieira (iniciadores da ideia de criação do Museu). Eles foram ouvidos de modo a oferecer um olhar de quem vivenciou as diferentes faces do espaço e costumam ver a rotina diária da localidade.

Em último momento, entrevistamos representantes da Academia. Duas pessoas foram questionadas sobre a estruturação da faculdade em pesquisas na colônia, as quais são: Fábio Cerqueira (professor que foi o primeiro pesquisador sobre o assunto na colônia) e Diego Lemos Ribeiro (professor que coordena o projeto de extensão do Museu Gruppelli, desde 2008). Além disso, faremos uso de trabalhos realizados sobre patrimônio na região.

No corpo da pesquisa, a organização desses conceitos e a análise de dados serão estruturados em dois capítulos. No primeiro capítulo, será destacado o patrimônio rural e as ruralidades, trazendo as definições de patrimônio no Brasil, mostrando que não trabalhamos com essa característica de patrimônio como monumental, raro e vitorioso. Focamos no patrimônio dos sentidos dos gestos, dos modos de fazer e de viver, num patrimônio mais modesto, mas não menos importante, e mostraremos que procuramos saber o que público que visita a localidade e o povo que mora na região acham importante ser preservado. Dando continuidade ao capítulo, traremos as definições de rural, traçando um paralelo do que pode ser considerado rural (espaço) e suas ruralidades (as atividades comuns realizadas no campo), finalizando então com o que seria o patrimônio rural, traçando um paralelo entre os dois itens citados, patrimônio e ruralidades, o que é importante preservar e o que deve ser preservado no espaço.

No capítulo dois, falaremos sobre o local da pesquisa: a Casa Gruppelli, que fica localizada no sétimo distrito de Pelotas, região na qual se denomina colônia municipal, inaugurada no começo do século XX, traz ao público um local onde se encontra gastronomia, história e lazer. Caracterizaremos o espaço, a história da casa, o armazém colonial, o típico restaurante de comida caseira, a importância do

futebol na região e a hospedaria, espaço de descanso construído para os viajantes que passavam pela região. Na continuação do capítulo, falaremos sobre o Museu Gruppelli, inaugurado em 1998, por uma vontade de memória da população local, que traz em seu acervo objetos destinados aos modos de vida e trabalho na região, divididos em 10 nichos diferentes, tendo como seu prédio um dos seus principais objetos. O prédio construído em 1930 foi destinado inicialmente a uma vinícola e hospedaria para viajantes, sendo utilizado para outras atividades antes de ser destinado ao Museu.

Depois, traremos a metodologia, com os dados compilados das entrevistas que foram realizadas, a análise dos dados, considerando as três dimensões: moradores locais, visitantes e Museu. Por fim, chegaremos às conclusões do trabalho, e apresentaremos uma síntese de tudo que foi apresentado e discutido.

Assim, no primeiro capítulo a seguir, falaremos sobre a formação do patrimônio cultural no Brasil, de forma a compreendermos como se deu o início dessa ideia de patrimônio, como se estabeleceu, quais foram os primeiros documentos, até chegarmos à ideia do patrimônio imaterial, quando passamos a ver o patrimônio para além da forma física, valorizando o modo de saber-fazer.

1 Patrimônio cultural no Brasil

Para compreendermos o que é patrimônio rural, interessa voltar no tempo para compreender a trajetória do patrimônio no Brasil. A temática do patrimônio começou a ganhar maior destaque na década de 1920, ao menos do ponto de vista institucional e preservacionista. Este movimento ganhou os seus contornos, conforme afirma Fonseca (2003, p. 85), —a partir de denúncias de intelectuais sobre o abandono das cidades históricas e sobre a dilapidação do que seria um tesouro da nação.

Esses intelectuais, chamados de modernistas, tinham uma ideia renovada para o patrimônio no país, conforme destacado por Fonseca (2003, p. 81):

A partir de suas concepções sobre arte, história, tradição e nação, essa ideia na forma do conceito do patrimônio que se tornou hegemônico no Brasil e que foi adotado pelo Estado, através do Sphan. Pois foram esses intelectuais que assumiram, à partir de 1936, a implantação de um serviço destinado a proteger obras de arte e de história no país.

A institucionalização do patrimônio no Brasil necessitava forjar uma identidade, a qual seria histórica, etnográfica e seus elementos formariam aquilo que se denominava Patrimônio Histórico. Uma política de preservação só se mostra correta e consequente quando, além de contemplar medidas referentes à memória de um povo, baseia-se mais amplamente em uma concepção que integra as questões sócio econômicas, técnicas, artísticas e ambientais, articulando com as questões de qualidade de vida, meio ambiente e cidadania (FONSECA, 2003).

O modernismo colaborou com o desenvolvimento do patrimônio, quando Getúlio Vargas abriu as portas para os modernistas e fundou o Serviço do Patrimônio Histórico Artístico Nacional (SPHAN), criado em 1936, por conta do varguismo e o nacionalismo. O nome que se destacava no modernismo era de Mário de Andrade, que, de acordo com Fonseca (2003, p. 82), configurou-se como o maior expoente do Modernismo

Mário de Andrade que serviu de elo entre vários intelectuais modernistas de todo o país através de seus contatos pessoais, viagens e correspondência. Para ele, o conhecimento do Brasil se fazia na literatura, via criação, e na

ciência, via observação e pesquisa. A elaboração de uma versão sintética da identidade nacional era algo a ser realizado no futuro, e devia ser precedida por um trabalho de análise e de conhecimento das raízes culturais brasileiras.

A partir desse momento, o Estado começou a ser o representante dos interesses da nação, conforme assinala comentado por Reis (1988, p. 187):

Com a instauração do Estado Novo, a reforma administrativa foi ampliada, e o Estado passou a ser representante legítimo dos interesses da nação, por sua vez entendida como -indivíduo coletivoll, e não mais como coleção de indivíduos, conforme a ideologia liberal.

A ideia era criar uma padronização homogênea, com o objetivo ligado aos interesses da nação, que lembrassem a pátria. Segundo Fonseca (2003), as instituições oficiais recorreram aos símbolos criados para invocar a pátria como bandeira, os hinos, a efígie de Vargas etc. Vemos, nesse exemplo, que os símbolos criados tinham como intenção forjar e consolidar uma identidade nacional. O valor de nacionalidade era uma característica central que foi atribuída aos objetos mencionados.

Durante esse período, não se buscou priorizar as raízes mais populares em que se caracterizava a preocupação de Mário de Andrade, mas lembrar o autoritarismo dos grupos dominantes, conforme destacado por Schwartzman (1987, p. 80):

O que preponderou no autoritarismo brasileiro, no entanto, não foi a busca de raízes mais populares e vitais do povo, que caracterizava a preocupação de Mário de Andrade, e sim a tentativa de fazer ao catolicismo tradicional e do culto aos símbolos e líderes da pátria a base mítica do Estado forte que se tratava de construir.

A introdução do conceito de tradição contribuiu para o interesse dos modernistas pela questão da brasilidade:

Para Eduardo Jardim de Moraes(1988), o interesse dos Modernistas pela questão da brasilidade decorreu da elaboração no próprio campo da criação artística, que teria ocorrido por volta de 1924, e que implicou a introdução do conceito de tradição como elemento estruturante de uma produção artística que se queria ao mesmo tempo universal e particular – no caso, nacional(FONSECA, 2003, p.90).

Então os modernistas começaram a pesquisar o que seria essa —brasilidadell, e em uma viagem a Minas Gerais, em 1916,Alceu Amoroso Lima e Rodrigo Mello Franco de Andrade descobriram o barroco mineiro que, até então, era um estilo rebuscado e rude pelos modernistas. De acordo com Marisa Veloso Motta Santos

(1992, p. 26):

Nesse momento, no que se refere à construção da nação, o barroco é emblemático, é percebido como a primeira manifestação cultural tipicamente brasileira, possuidor, portanto, da aura da origem da cultura brasileira, ou seja, da nação. Daí o valor totêmico que se constrói, sendo identificado, sistematicamente, como representação de – autêntico, de –estilo puro.

Chagas (2006) aponta que, a partir da Revolução de 1930, o Estado, fortalecido e ampliado, passou a interferir nas relações de trabalho, nos sistemas de educação e saúde e na organização da cultura, sendo um exemplo disso a elevação da cidade de Ouro Preto/MG a monumento nacional.

Em 1935, Mário de Andrade foi solicitado a preparar um documento para a criação de uma instituição nacional de proteção do patrimônio, a pedido de Gustavo Capanema. De acordo com o anteprojeto de Mário de Andrade, o SPHAN teria como finalidade determinar, organizar, conservar, defender e propagar o patrimônio artístico (CORÁ, 2014, p.3). Definiu-se, no Cap. II, o Patrimônio Artístico Nacional como —todas as obras de arte pura ou de arte aplicada, popular ou erudita, nacional ou estrangeira, pertencentes aos poderes públicos, a organismos sociais, a particulares nacionais e a particulares estrangeiros, residentes no Brasil.

A partir do anteprojeto, foi escrito o decreto-lei 25 de 1937, que cria o SPHAN, utilizando partes do anteprojeto, mas de forma mais restritiva. Na perspectiva de Corá (2014): —O anteprojeto de Mário de Andrade era muito mais amplo e completo do que o decreto que criou o SPHAN, principalmente em relação à diversidade da cultura brasileira contemplada.

De acordo com art. 1º do Decreto-Lei no 25, de 1937, define-se patrimônio histórico e artístico nacional como o conjunto dos bens móveis e imóveis existentes no país e cuja conservação seja de interesse público, quer por sua vinculação a fatos memoráveis da história do Brasil, quer por seu excepcional valor arqueológico ou etnográfico, bibliográfico ou artístico (CORÁ, 2014, p. 1096).

O trabalho no SPHAN, durante os anos de 1937 (ano de fundação) até 1967, teve apenas um dirigente que foi Rodrigo Melo Franco de Andrade. Ele ficou à frente do órgão por 31 anos, período conhecido como fase heroica, mesmo havendo, durante esse período, mudanças de governos federais e ministeriais.

Na década de 1970, ocorreram alguns avanços na política de patrimônio, é o que fala Corá (2014, p. 5):

Avanços marcados principalmente por novas concepções sobre a amplitude do bem cultural, as novas formas de gerir e usar os patrimônios culturais e, principalmente, a entrada em cena de Aloísio Magalhães inicialmente no Centro Nacional de Referência Cultural, passando pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), até chegar a coordenação da Secretaria de Cultura.

Entre as inovações correspondentes a esse período, houve um Encontro de Governadores em 1971, em Salvador, no qual discutiram os papéis de cada esfera pública, propondo-se a criação de um Plano Permanente de Preservação e Valorização (PPPV):

Em face das dificuldades econômicas de conservar e restaurar o acervo excepcional de monumentos nacionais deve-se adotar uma política de valorização que permita a integração do monumento no ambiente urbano, buscando soluções auto financiáveis (LEITE, 2007, p. 55).

Com o sucesso alcançado com o Centro Nacional de Referência Cultural, Aloísio Magalhães foi convidado a assumir o IPHAN, que ficou sob sua coordenação de 1979 a 1982, na época chamada *fase moderna*.

Falcão (1984) aponta que o CNRC foi o embrião de uma nova política cultural do Estado, tanto por não ser gerado dentro do Estado, passando ao largo da burocracia oficial, quanto por não ser organizado pela clientela cultural tradicional, mas por uma iniciativa externa à política de patrimônio cultural, mas ligada ao Ministério da Indústria e Comércio. Esse período marca uma mudança na concepção das políticas culturais de patrimônio, não só na forma de se gerenciarem os recursos direcionados para os patrimônios, mas também uma mudança estrutural e de postura política.

De acordo com Botelho (2007), Aloísio Magalhães soube articular a política de patrimônio de forma inovadora e dar-lhe visibilidade, inclusive na mídia, de uma maneira não vista antes. Ele estabeleceu novos parâmetros de atuação, radicalizou a opção pela dimensão antropológica da cultura e adotou-a como baliza de sua política. Nesse plano, pode-se dizer que a *cultura é tudo* — para Mário de Andrade, tudo era arte — o que o ser humano elabora e produz, simbólica e materialmente falando.

Pode-se considerar que, durante a gestão de Rodrigo de Andrade (1937 a 1967), o IPHAN manteve uma postura institucional na qual as origens sociais da maioria dos tombamentos que marcam a história da preservação do patrimônio cultural no Brasil referem-se, como destaca Fonseca (2009), à etnia branca, ao

catolicismo, às classes dominantes e às edificações símbolo do poder estatal: fortes, casarios, mosteiros, igrejas e quartéis.

Com a mudança de concepção cultural proporcionada por Magalhães, essa tendência,entretanto, foi desacreditada e, segundo Arantes (2009), houve um crescimento significativo dos movimentos sociais a reivindicarem a valorização das artes e ofícios cultivados pelas classes populares, em particular de populações afro-brasileiras e indígenas.Como exemplo disso, ainda em caráter experimental, pode-se destacar o tombamento de dois bens de matrizes africanas: o Terreiro Casa Branca, considerado a primeira casa de candomblé aberta em Salvador (Bahia), em 1986; e a Serra da Barriga, sítio histórico onde se localizava o Quilombo dos Palmares, no município de União dos Palmares (Alagoas), em 1988.

A ampliação da noção de patrimônio só foi consagrada em 1988 com a nova Constituição que inclui as noções da atualidade sobre patrimônio. A Constituição de 1988, no seu artigo 216, definiu de forma mais detalhada e ampla o que seria merecedor de proteção tutelar e novas formas para sua efetivação além do tombamento:

Constituem patrimônio cultural brasileiro os bens de natureza material ou imaterial,tombados individualmente ou em conjunto,portadores de referência à identidade,à ação,à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira,nos quais se incluem:

I - as formas de expressão;

II - os modosde criar, fazer e viver;

III - as criações científicas, artísticas e tecnológicas;

IV - as obras, objetos, documentos, edificações e demais espaços destinados às manifestações artístico-culturais;

V - os conjuntos urbanos e sítios de valor histórico, paisagístico, artístico, arqueológico, paleontológico, ecológico e científico.

Parágrafo 1º - O Poder Público, com a colaboração da comunidade, promoverá o patrimônio cultural brasileiro, por meio de *inventários, registros, vigilância, tombamento e preservação* (BRASIL, 1988).

Segundo Corá (2014), –Essa conceituação mostra a preocupação em ampliar o entendimento de patrimônio e incluir a cultura popular, por meio das suas formas de expressão e dos seus modos de criar, fazer e viver, como parte integrante da cultura nacional.

Na década de 1990, as cidades brasileiras passaram a considerar o patrimônio dentro da dimensão do turismo, havendo muitos projetos de revitalização de centros históricos e de museus e acervos nacionais, como no caso de Salvador, Olinda, Recife, São Paulo e Rio de Janeiro.

Em 2003, o Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular (CNFCP), cujas

origens remontam à Comissão Nacional do Folclore de 1947, liga-se ao Iphan para cuidar das questões relativas ao folclore e a cultura popular no país, realizando um trabalho de conservação, promoção e difusão do conhecimento produzido pela cultura popular, tornando-se um dos responsáveis pelo avanço da política de proteção ao patrimônio imaterial brasileiro.

Em 1997, o IPHAN promoveu, em Fortaleza, o Seminário —Patrimônio Imaterial: Estratégias e Formas de Proteção para discutir as estratégias e formas de proteção ao patrimônio imaterial, a partir das recomendações apontadas na —Carta de Fortaleza. Essa proposta serviu de base para a criação do Programa Nacional do Patrimônio Imaterial (PNPI), que foi sancionado pelo Decreto no 3.551, em 4 de agosto de 2000.

No âmbito internacional, em 2003, a Unesco proclama a Convenção para a Salvaguarda do Patrimônio Cultural Imaterial. Nesse mesmo ano, a Expressão Oral e Gráfica torna patrimônio cultural da humanidade, seguido, em 2006, pelo Samba de Roda do Recôncavo Baiano, que também passa a integrar a lista da Unesco.

Destacamos, aqui, que o então ministro Gilberto Gil (2003 a 2008) teve um papel importante na incorporação de novas referências, em especial sobre a cultura popular e imaterial, para o entendimento das políticas culturais. Estimulado pela nova perspectiva implantada, o processo de patrimonialização passa a incorporar o segmento da juventude que se interessa por práticas tradicionais. Isso demonstra a transformação das expressões populares na hierarquia das culturas legítimas.

Dentre os atuais programas desenvolvidos pelo IPHAN, destaca-se o Programa Monumenta, proveniente de uma parceria com o Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID), integrado ao IPHAN em 2006, com o objetivo inicial de recuperação de imóveis e espaços públicos de cidades históricas. Essa iniciativa tem o apoio de municípios e estados e da iniciativa privada, consolidando-se em um instrumento inovador de preservação, trabalhando em três linhas: capacitação de mão de obra; programas educativos; e promoção de atividades econômicas.

A ampliação da noção de patrimônio também foi importante para que os modos de vida dos moradores das zonas rurais fossem incorporados; foi relevante para que essas pessoas tivessem voz. O patrimônio, hoje, não é algo que pertence à nação somente, mas que é relevante a um grupo local ou regional.

Como já salientado anteriormente, em nossa introdução, na zona rural de

Pelotas, os modos de fazer e viver se destacam, porém questiona-se o que mais poderia ser considerado patrimônio entre os saberes observados no campo. As imaterialidades predominam por serem ligadas mais aos costumes trazidos de geração em geração pelas famílias, hábitos do cotidiano que a modernidade não é capaz de acabar?

No Museu Gruppelli, local onde fizemos as pesquisas e análises desse trabalho, temos o exemplo do armazém construído na década de 30 e mantido com as características originais até hoje em dia. Então nos perguntamos: o que devemos preservar na zona rural? O que pode ser considerado patrimônio rural? Essas e outras questões buscaremos responder ao longo da pesquisa.

Rural e ruralidade

No subcapítulo anterior, traçamos a trajetória do patrimônio no Brasil, e a importância que o saber-fazer, os costumes e as tradições têm, atualmente, no conceito de patrimônio. Mas, antes de procurarmos identificar os elementos que são importantes de se preservar na região, precisamos compreender o território: como a vida rural se estabelece e como se aproxima ou se afasta do urbano.

Para compreendermos melhor os modos de vida na zona rural, e os elementos que se destacam na paisagem, precisamos traçar alguns conceitos de ruralidade. Sobre o conceito, Medeiros (2017, p. 179) esclarece:

Portanto o conceito de ruralidade se define tanto no plano sociológico como no geográfico e, é definido originalmente como um espaço habitado por pequenas comunidades humanas, com valores mútuos e história comum que giram ainda em torno da fidelidade e do pertencimento a um meio, a um território e a família.

As pessoas que vivem no espaço rural cultivam, muitas vezes, costumes compartilhados pelo grupo, como uma herança, determinado modo de vida baseado em valores ligados ao campo, os quais atravessa as gerações. São esses valores preservados que podemos denominar de modo de vida rural

Ali se reencontra uma dinâmica distinta e práticas sociais, culturais e econômicas fundadas sobre a proximidade, a convivialidade, a ajuda e a cooperação. Esta comunidade humana é muitas vezes representada pela forma de viver que associa o território, às relações de vida e à coesão social. Este tipo de população mantém um laço estreito com seu ambiente, valoriza a cultura identitária das diferentes comunidades (MEDEIROS, 2017,

p. 179).

Destaca-se que, na pesquisa em questão, buscaremos compreender, dentre outros fatores, quais são esses elementos de coesão que estão registrados no território, assim como investigaremos sobre práticas sociais, culturais e econômicas que singularizam essa região. A autora continua sua discussão (2017 p. 182) falando de como afinal essas ruralidades podem ser compreendidas, definidas:

A ruralidade pode ser entendida como um modo de vida, como uma sociabilidade que é pertinente ao mundo rural, com relações internas específicas e diversas do modo de viver urbano. A ruralidade sugere uma gama considerável de imagens quando é pensada, quando é discutida. Ruralidade é uma construção social contextualizada, com uma natureza reflexiva, ou seja, ela é o resultado de ações dos sujeitos que internalizam e externalizam através dessas ações a sua condição sociocultural presente que é reflexo da condição herdada de seus antepassados. Nesta ruralidade está expressa a capacidade destes sujeitos de se adaptarem às novas condições resultantes das influências externas.

Quando falamos de rural, precisamos esclarecer que cada lugar tem suas características e suas manifestações. Nesse sentido, importa investigar quais fatores singularizam o território que abriga o Museu Gruppelli. Para tal, é preciso delimitar os modos de vida dessa região, dentro desse contexto específico.

Por essa questão, Siqueira e Osório (1999, p. 77) afirmam que:

O conceito de rural, como muitos outros, é simultaneamente suficiente e insuficiente, porque a realidade não conhece classificações ou esquemas de qualquer espécie: nós é que os criamos para nos orientarmos na complexidade da existência, da realidade, a qual precisamos conhecer, seja através de teorias científicas, religiosas ou de senso comum. Para organizar a nossa experiência, nós emolduramos de várias formas a realidade, e o conceito de rural é uma delas. Mesmo os conceitos que se poderiam pensar os mais precisos e objetivos são calçados nas representações várias existentes sobre o aspecto da realidade que se pretende conceituar.

Traçados os dois conceitos de rural e ruralidade, vejamos que não seria coerente diferenciá-las. De acordo com Francisco Duran (1998), não deve haver distinção entre rural e ruralidade uma vez que não se constitui em uma questão e, mais do que isso, deve ser ignorada, especialmente quando se investiga uma multiplicidade de aspectos, socioculturais, econômicos e ecológicos.

Porém, essas definições mudam com o passar do tempo, pois estão em movimentos contínuos. Como destaca Medeiros (2001):

Deve sofrer um ajuste constante, em razão das constantes mudanças e das diversificações do rural. As atividades socioeconômicas se modificam, as paisagens se transformam, a gestão do território muda, a distribuição do

povoamento se altera assim como, as relações de vizinhança(MEDEIROS, 2001, p.181).

Uma visão possível, mas não única é a de que o rural está na natureza, é nela que estão presentes as ruralidades, a base para a produção agrícola, os produtos para a fabricação dos produtos e os lugares para a realização de atividades relacionadas ao campo. Como discute Medeiros (2009, p. 181):

A ruralidade passa a se restringir à natureza enquanto fonte de repouso e de tranquilidade. É uma natureza considerada bucólica, vista frequentemente a partir de paisagens reais e idealizadas, pensadas como fatores de uma melhor qualidade de vida. No entanto, também são vistas como a natureza que dá suporte à atividade agrícola, que é produtora de alimentos e que reforça a relação cidade campo. É possível ainda afirmar que no rural existe uma pessoalidade nas relações, ao contrário da impessoalidade aparentemente existente nas relações urbanas.

No rural, há um laço mais estreito na relação entre as pessoas, como foi destacado, há uma união em prol de preservar os costumes, em manter essa relação homem-modo de vida, sendo um lugar de tranquilidade, produção e desenvolvimento.

Sobre o contexto paisagístico, Wanderley (2001, p.87) afirma que:

O rural não é um espaço isolado e sim um espaço que recebe novidades, às absorve ou não, que também passou por mudanças, mas manteve especificidades sociais, ecológicas e culturais ao longo da história, que caracterizam inclusive forma pela qual os sujeitos se inserem na sociedade.

Para essa autora, o modo de vida rural é uma maneira pela qual o sujeito que vive no campo vê o mundo e vive o mundo; o modo de vida rural são as lentes de uma identidade rural que modelam o modo de viver e ser no campo e de interagir com outros espaços. Nesse sentido, identidade e espaço constroem-semutualmente. Ambas as categorias, do mesmo modo, sofrem flutuações e estão em movimento.

A paisagem, a natureza e o ar livre, são sinônimos de dessa paz relacionada ao campo, nela buscam o lazer, na área urbana é o local onde habitam e trabalham. As pessoas que moram na zona urbana, ao visitarem a zona rural criam ligações com os espaços, são memórias que são ativadas por algo que sua família viveu ou por alguém que morou na zona rural e contou sobre os hábitos e costumes e, assim, gera novos movimentos, —novos conteúdos, novos comportamentos, graças às enormes possibilidades de produção e, sobretudo, da circulação dos insumos, dos produtos, do dinheiro, das ideias e informação, das ordens e dos homensll (SANTOS; SILVEIRA, 2001, p. 52-53).A partir de um ponto de vista econômico,

esses movimentos começaram a gerar lucros para os produtores, sendo uma forma de valorizar os produtos do campo, gerando renda para a continuação da produção.

O geógrafo Milton Santos (2000, p.88) destaca que —a competitividade, característica das atividades de caráter planetário, leva a um aprofundamento da tendência à instalação de uma agricultura científica. Gerando lucro, outros produtores, pela lógica, começam a valorizar suas terras e as —ruralidades que são feitas. Então, surgem mais opções para os visitantes e/ou consumidores que procuram o acesso as atividades, o que resulta em maior competitividade entre os lugares:

O território cresce em importância e razão da competitividade, incentivada pelo o capital internacional que necessita de lugares para produzir e administrar a circulação dessas mercadorias. O lugar, portanto, tem papel importante para o capital. Pois é neste lugar que, através do discurso legitimado pelo capital, que se instalam os objetos da modernidade agrícola (MEDEIROS, 2001, p.180).

Essa competitividade traz benefícios para o campo, novos produtores vão aprendendo a valorizar o que há nas suas propriedades. Com a modernidade, as pessoas têm a tendência de deixar o campo em busca de novas perspectivas de renda, mas ao ver a importância que ainda existe na zona rural, essas ideias mudam as ruralidades, ou seja, as possibilidades de lucrar voltam a crescer novamente.

Porém, vemos o lado negativo também, a competitividade pode gerar a entrada de grandes empresas no ramo da agricultura gerando o beneficiamento dos grandes e empobrecimento dos pequenos. Isso acarretaria na diminuição do número de produtores que não conseguiriam produzir da mesma forma que as empresas; devido à concorrência não conseguem vender seus produtos.

Segundo Enrique Sergio Blanco (2004), as —novas ruralidades não só aproveitam como também expandem as novas funções e as novas atividades no campo, principalmente integrando e envolvendo as famílias rurais tanto com o poder público como com a iniciativa privada. É a conhecida pluriatividade ou multifuncionalidade do campo, como é classificado esse novo momento no meio rural brasileiro.

Foi na década de 1980 que o meio rural se reconfigurou, trazendo novidades para o campo economicamente, refletindo assim no cultural com novas atividades, uma maneira diferente de usufruir das qualidades. Segundo José Graziano da Silva

(1996), foi a partir de meados dos anos 1980 que o rural brasileiro se reconfigurou, compondo-se basicamente de três grandes grupos de atividades:

a. agropecuária moderna: baseada em *commodities* e intimamente ligada às agroindústrias;

b. conjunto de atividades não-agrícolas: ligadas à moradia, ao lazer, a várias atividades industriais e de prestação de serviços;

c. conjunto de novas atividades agropecuárias, localizadas em nichos especiais de mercados.

Por fim, conceituar ruralidades não é definitivo, depende de vários fatores que giram entorno delas, como destaca Medeiros (2001, p. 183):

Dentre eles estão as políticas de desenvolvimento rural que deveriam ser territoriais e intersetoriais, para evitar ambiguidades que comprometam a definição conceitual de ruralidade. Ao mesmo tempo em que a globalização é cruel para alguns setores da agricultura, ela pode oportunizar o desenvolvimento de determinadas zonas rurais através, principalmente, das atividades ligadas ao turismo.

As ruralidades são compreendidas como os modos de vida e os costumes de quem vive no campo e se relaciona com a paisagem, o território, assim como se estabelece a relação entre os sujeitos com a produção, principalmente, e a importância de se estabelecer a inserção de pessoas da zona urbana, sendo uma forma de turismo e renda para as famílias que moram na região.

Deve-se deixar grifado que o tema da ruralidade pode incorporar diferentes acepções a depender do contexto analisado, pois esta categoria varia de acordo com a região, topografia, correntes migratórias e a própria historicidade do local.

Assim, a ruralidade não deve ser observada de forma homogênea. Para os fins desta pesquisa, consideramos as particularidades da Serra dos Tapes, que assume uma característica mais afeita ao que designamos como ruralidade colonial.

Agora veremos o que é importante preservar no rural, o que pode ser considerado patrimônio rural.

Parte da bibliografia consultada esclarece alguns aspectos gerais do patrimônio rural, que tem relação direta com os modos de vida e o cotidiano rural, os quais são: a agropecuária, o trabalho, o saber-fazer, as festas e culinária. Por óbvio que esses elementos não são fixos, tampouco universais.

Patrimônio rural

Nos últimos subcapítulos, trouxemos a trajetória do patrimônio no Brasil e a importância de preservar as imaterialidades, os usos e costumes da vida dos moradores do campo. Agora, traçados esses conceitos e discussões, procuraremos definir o que seria o patrimônio rural da região.

Concordamos com a ideia de patrimônio rural defendida por Tognon (2002, p.4), que diz:

Podemos definir o Patrimônio Cultural Rural como o conjunto de registros materiais e imateriais decorrentes das práticas, dos costumes e das iniciativas produtivas que se estabelecem, historicamente e territorialmente, na área rural.

Contudo, consideramos essa definição ainda generalista. Consideramos também a paisagem como importante referência, que aglutina a relação entre identidade, espaço e patrimônio. Tanto o patrimônio quanto os museus devem ser vistos em conjunção com o espaço, o território, o contexto, nunca em isolamento.

As formas de preservar o patrimônio na zona rural podem se dar de maneira bem interessante. No sítio em que se localiza o Museu Gruppelli, a percepção do consumo rural faz seus moradores aprenderem a valorizar o espaço onde vivem, e isso afeta todos sujeitos e grupos que compõem essa —comunidade. Ultimamente, a Casa Gruppelli vem recebendo a presença de novos grupos, que não estavam tão presentes na paisagem. É o caso dos indígenas guaranis, que têm seu espaço para mostrar o artesanato que produzem em sua aldeia na Colônia Maciel, 8º distrito de Pelotas; outro grupo que está se inserindo na paisagem são os quilombolas do Quilombo do Algodão. Para Carvalho (2006, p.12): —A valorização do consumo do espaço rural – incluindo o modo de vida – tem dado visibilidade à existência de elementos simbólicos relacionados à vida diária dos moradores rurais, corroborando para a existência do patrimônio cultural rural.

Mas é preciso considerar a paisagem em suas múltiplas conexões, de forma necessariamente integrada às dimensões naturais e culturais, materiais e imateriais nela entrelaçadas. Segundo Tognon (2002, p. 2), —o patrimônio cultural rural reúne além do conjunto de registros materiais e imateriais originários das práticas diárias e os costumes, as formas de produção estabelecidas na área rural.

Algumas práticas originárias são mantidas até hoje no Gruppelli, como, por

exemplo, são realizadas festividades, como a Festa do Tomate, e os jogos de futebol com a presença do time local(Boa Esperança). Além disso, o próprio armazém e o restaurante permanecem com as mesmas características desde a sua fundação.

Na mesma direção seguida pela autora, consideramos que a região do Gruppelli tem suas formas de produção bem estabelecidas, sendo o trabalho no campo a principal fonte de renda das famílias. Destaca-se nesse cenário a produção de pêssego, tomate e fumo sendo estas as principais fontes de renda para as famílias.

Em outubro de 2018, o Museu Gruppelli completou 20 anos de existência. Para comemorar a data, realizamos também uma festa, que valorizou a colônia e seus modos de vida. Durante o evento, foram realizadas diversas atividades, como o doce de-shimiermelonall(doce de melancia), feito no tacho, no momento do evento. Soma-se a isso o fato de o doce colonial ter sido reconhecido como patrimônio imaterial nacional. A arte de produzir artefatos para uso cotidiano foi demonstrada em uma oficina de brinquedos antigos, organizada pelo conservador Gilson Barboza. No evento, contamos ainda com apresentação da banda Estrela do Som que trouxe um repertório diversificado ao público. A música é um importante símbolo na colônia, portanto, também pode ser considerada um bem cultural e até mesmo patrimonial dessa região. Até os dias de hoje, toda festa na zona rural tem que ter a famosa —bandinhall e um espaço para se dançar.

Apresentadas as diversas manifestações possíveis de patrimônio rural, inclusive na região caracterizada nesta pesquisa, cabe reforçar uma questão central: como podemos identificar e definir o patrimônio rural? De acordo com Alves (2002, p. 7):

Refira-se que a discussão em torno dos significados e dos elementos subjacentes ao patrimônio rural – ou a sua percepção como tal – derivam precisamente, pelo menos em parte, de uma evidente consciencialização social em torno da importância, não só memorial e simbólica, mas também agora econômica e política, de que o patrimônio rural passou a ser alvo.

Houve essa conscientização principalmente econômica, que investe na sua produção local, valoriza seus produtos, além de —abrir as porteirasll da sua propriedade para o público, é fundamental para desenvolver e gerar renda na região.

Esses modos de preservar as memórias do que a gente viveu, na lavoura, plantações de pêssego, preparação dos alimentos para os animais, produção do

doce de melancia, por exemplo, são lembranças que formam a identidade social do lugar. É importante deixar claro, como já mencionado, que o significado da memória coletiva associada ao patrimônio recobre, efetivamente, esta dupla acepção – material e imaterial – constituindo uma vertente imprescindível na construção e manutenção, por exemplo, das –identidades coletivas (COSTA, 1999, p.29).

Isaac Chiva, por sua vez, propõe quatro traços fundamentais para a compreensão do patrimônio rural. O primeiro aspecto que o autor salienta prende-se com a –diversidade de formas, de objetos, de elementos e escalas de observação inerentes ao espaço rural: de centenas de microrregiões, de numerosos tipos de arquitetura, cobertos vegetais, climas e recursos (CHIVA, 1995, p. 110).

No segundo traço, que está interligado com o primeiro, Isaac Chiva fala sobre:

Heterogeneidade dos elementos constituintes que vão desde os modos de existência materiais aos objetos naturais dominados e designados pelo homem; dos saberes, das técnicas e dos utensílios de construção às maneiras de comunicar e ao imaginário social.

O terceiro traço relaciona-se com:

A –urgência imposta à observação e à intervenção [no patrimônio rural], pelos processos incessantes de mudança, de desaparecimento, assim como de criação de bens culturais e naturais, reforçando a ideia – parecidos – de se ter em especial atenção o que se perde e o que se ganha com a intervenção nos espaços rurais, tanto ao nível dos processos de transformação que colidem com a existência e permanência de elementos patrimoniais, como inclusive ao nível da criação, por exemplo, de parques naturais (temáticos), e das suas vantagens para as regiões envolventes, do ponto de vista do seu futuro desenvolvimento (CHIVA, 1995, p. 110).

Quando falamos na zona rural de Pelotas, pensamos que o patrimônio rural pode ser pensando em suas várias dimensões e podem incorporar áreas verdes, pontes, cachoeiras e moinhos. Pensamos também em percepções imateriais, como a dança e culinária, o saber-fazer, como é o caso do doce de melancia e a produção do bolo na pedra, dentre outros. Ou seja, um patrimônio para além das construções grandiosas e caras. O patrimônio rural, podemos dizer, é um patrimônio singelo, que está inserido na vida das pessoas, uma categoria de patrimônio que justifica sua existência, um patrimônio do presente.

Essas características atraem os visitantes para conhecer a região, promovendo o consumo rural, ou seja, a participação de grupos que não estão presentes na paisagem. Nesse sentido, Alves (2002, p. 15) afirma:

O patrimônio rural se apresenta como um dos principais e mais

emblemáticos símbolos do consumo cultural e turístico das mesmas regiões e localidades rurais. São múltiplas as utilizações do património rural em prol do turismo. Quer as festas e festivais regionais, quer ainda a gastronomia, o artesanato e os sítios arqueológicos, como a transformação de castelos, solares, moinhos e quintas em complexos hoteleiros e pousadas para a juventude, todos estes sinais de reutilização do património rural para outros fins, diferentes dos originais para que alguns deles foram criados, evidenciam uma outra possibilidade de gerar riqueza local, partindo precisamente do que aí existe, dos seus recursos.

As mais diversas utilizações dadas para o património rural valorizam as atividades realizadas no campo e potencializam a criação de novos empreendimentos, com as propriedades rurais sendo um espaço não só de morada, mas local de geração de lucro para as famílias e de descanso e lazer para os turistas.

O lucro é importante para as pessoas na forma de renda para manter as propriedades, incentivar a continuidade das atividades agrícolas e o turismo na região, mas temos que observar que o lado simbólico de cada propriedade também é muito importante por preservar as características locais, os modos de vida e o saber-fazer local. Sem isso, não haveria público, pois o turismo rural está atrelado à experiência rural da propriedade em que os visitantes serão recebidos.

O conceito de turismo rural adotado pelo Ministério do Turismo BRASIL(2003, p. 11) é:

Turismo Rural é o conjunto de atividades turísticas desenvolvidas no meio rural, comprometidas com a produção agropecuária, agregando valor a produtos e serviços, resgatando e promovendo o património cultural e natural da comunidade.

A agregação de valor aos produtos e serviços através do turismo é uma forma de preservar os costumes e tradições, e impulsiona que novas famílias se interessem em abrir suas propriedades para os turistas, com novos pontos turísticos e assim destacando ainda mais o meio rural.

A importância que se tem de valorizar o património rural é o fato de que, talvez, seja mais fácil manter as características das áreas rurais, por estarem em um local mais preservacionista de tradições, Alves (2002, p. 19):

No património rural em particular, que melhor garantem as possibilidades da sua salvaguarda e valorização, numa época em que as sociedades contemporâneas estão sujeitas cada vez mais às circunstâncias e aos efeitos da globalização, tendencialmente uniformizadores e aglutinadores das singularidades nacionais, regionais, urbanas e, obviamente, rurais.

Na zona rural de Pelotas, encontramos diversos pontos turísticos, em sua

maioria de famílias que, entendendo a importância de valorizar as características locais e mostrar para o público as belezas naturais, abrem as porteiras dos seus sítios para o turismo. Entre os tipos de empreendimentos, destacamos cachoeiras, pousadas, restaurantes coloniais e espaço de lazer, características que podem ser consideradas patrimônio rural. A Casa Gruppelli está inserida em uma rota de turismo rural em um circuito denominado Pelotas Colonial.

Na Casa Gruppelli, sétimo distrito de Pelotas, encontramos essas características mencionadas acima, em um local que preserva a identidade colonial desde a criação do estabelecimento, o que veremos no próximo capítulo.

2 Casa Gruppelli: o cenário

Compreendemos para os fins dessa pesquisa, a partir do que foi visto no capítulo anterior, que o patrimônio rural como os bens de natureza material e imaterial relacionados ao modo de vida rural, neste capítulo investigaremos como poderia ser traduzido o patrimônio rural no cenário investigado.

A Casa Gruppelli está situada no sétimo distrito de Pelotas, na denominada Colônia Municipal, situada a cerca de 50 km do centro da cidade de Pelotas:

Originário do norte da Itália, o núcleo familiar, formado a partir de Arcadio e Eleonora Gruppelli, se deslocou, no começo do século XX, da cidade de Pelotas para zona rural e, além da atividade agrícola, implantou um estabelecimento comercial e um albergue para viajantes (VIEIRA, 2009, p. 58).

Naquele tempo, as viagens eram sempre longas, não havia carros como agora, tampouco as estradas eram as mesmas. Os trajetos entre os locais eram feitos através de carroças, que, além de fazer o transporte das pessoas, eram utilizadas para carregar os alimentos da lavoura até as casas das pessoas. Desta forma, era necessário que houvesse lugares de paragem para fazerem suas refeições e descansar. Esse era o caso do Gruppelli, que foi pensado para as pessoas pararem e depois seguir viagem:

A família Gruppelli, oriunda de Mantova, norte da Itália, se estabeleceu em Pelotas por volta de 1876, adquirindo terras na Colônia Municipal, 7º distrito, onde juntamente com as atividades agrícolas, instalou uma casa comercial e restaurante para viajantes, local que desde então se tornou um ponto de encontro de imigrantes italianos e alemães. Característica que ainda hoje se mantém (Pelotas Colonial, 2021).

A Casa Gruppelli se tornou ponto de encontro entre várias etnias e pessoas de diferentes residências, tanto moradores locais como veranistas e outros que estavam apenas de passagem para no outro dia seguir sua viagem. A região foi formada por várias etnias diferentes vindas de correntes imigratórias não só da Europa:

Toda a Serra foi dividida em pequenas propriedades, as picadas multiplicavam-se e nelas o movimento crescia. Estabeleceu-se ali uma corrente de imigrantes, que geralmente não chegavam diretamente da Europa. Eram originários das colônias situadas mais ao norte do Rio Grande do Sul, sendo, na sua maioria, alemães. Mas afluíram para lá também, espanhóis, austríacos, franceses e italianos, muitas vezes vindo mesmo de outras províncias. De caráter espontâneo, essa imigração era atraída pelos organizadores das colônias, que, com ela, auferiam grandes lucros. Segundo informações oficiais, essas terras eram vendidas por

preços superiores aos que a lei permitia para os lotes coloniais (Relat. 1897). E, como apropriadamente foi observado em estudo da época –(...) favores de barateza quanto ao custo das terras só poderiam receber os colonos quanto às colônias fundadas por iniciativa do poder público e estas se reduziam a número muito limitado de três (O MUNICÍPIO..., 1910, p.27, op. cit p.73).

Como toda região era formada por várias etnias diferentes, a Casa Gruppelli recebia vários desses colonos, sendo no local ponto de encontro entre eles, no que podemos designar como espaço de sociabilidade. Nesses encontros, realizavam-se algumas atividades, como é citado por Jeske (2000): tornou-se, desde então, ponto de encontro de imigrantes italianos e alemães que aí –faziam suas compras, trocavam mercadorias, jogavam cartas e se informavam do que estava acontecendo na política da Cidade e do Estado.

Em 1925, os negócios puderam ser expandidos e, assim, a antiga casa, adquirida em 1905, foi transformada em uma construção maior para que abrigasse mais de uma função pela família Gruppelli:

Uma construção que abrigasse, num único prédio, a residência da família e as atividades comerciais: armazém e restaurante [...], um espaço edificado que, devido às amplas dimensões, servia também como salão de bailes e reuniões sociais do Grêmio Sportivo Boa Esperança, fundado em 1924, pelos seus filhos. Uma instituição que hoje se dedica apenas ao futebol, com um time e uma torcida apaixonada que marcam presença nos diversos torneios e campeonatos coloniais (VIEIRA, 2009, p. 64).

É importante perceber que, além da expansão da casa, diversos elementos que fazem referência à cultura local desenvolvem-se no mesmo ritmo, a exemplo dos bailes e das reuniões da comunidade local.

O progresso dos negócios, que eram —o centro das vendas e das compras, o ponto de reunião, o abrigo das quermesses, a parada dos viajantes (ROCHE, 1969, p.574), fez crescer ainda mais as possibilidades de criação de uma nova construção. Neste contexto, foi criado o Vila Silvana, prédio em dois andares ao lado da casa principal. De acordo com Vieira (2009, p. 65), o sobrado servia como adega, na parte do térreo, e como instalação para recepção de clientes e veranistas, na parte superior.

Com essas novas melhorias, foi dada a comodidade necessária para receber o número de pessoas que circulavam por esse espaço, tornando-o ainda mais atrativo para o público. Todo esse movimento incentivou que, por meados de 1930, fosse criado um parque às margens do arroio quilombo, com árvores, bancos e

gramados. A criação desse conjunto de empreendimentos valorizou o espaço, trouxe transformações na paisagem e proporcionou a relação das pessoas com o lugar:

Dentre as áreas, que mereciam especial cuidado, encontram-se o campo de futebol e o parque. Ambas destinadas ao lazer, ambas oriundas do desejo de ampliar o relacionamento com pessoas de diversos lugares. Uma decisão que introduziu na comunidade um modo de vida que passou a incluir o outro, o que vem de fora, a passeio ou pelo esporte, como parte integrante das atividades cotidianas da localidade. O que, evidentemente, proporcionou uma aproximação da colônia com a cidade (VIEIRA, 2009, p. 67).

Uma das atividades que mais aproximava as pessoas eram os bailes, que sempre traziam grande público e movimentavam a imprensa local. Em relação aos bailes, Bach (2009) afirma que os principais faziam parte de um calendário —oficial— Baile de Natal, Baile de Ano Novo, Baile de Páscoa, Baile da escolha da rainha da colônia um dos mais expressivos bailes.

Segundo Maciel (2012), em entrevista à Norma Gruppelli:

O salão ficava ao lado do armazém da família, o qual, segundo a senhora Norma, —(...) tinha de tudo. O salão, atualmente, encontra-se fechado. Em 1957 o salão já estava em atividade, lembra senhora Norma: —(...) já trabalhávamos, tinha baile, porque meus 15 anos foi ali, eu me lembro muito bem...». Nos bailes, eles tinham copa, serviam bebidas, e bolo em pedaços cachorro-quente, no entanto, não tinha espaço para fazer café, como em outros bailes da região. Os bailes começavam cedo, lembra senhora Norma, cerca de nove horas da noite. O salão era frequentado pela vizinhança, na sua época. A depoente lembra também do quanto era trabalhoso a realização desses bailes. A maioria dos que trabalhavam no salão eram da família, segundo ela, e tinham também uma empregada (MACIEL, 2016, p.16).

Com estradas melhores e ventos favoráveis ao crescimento dos negócios, a família Gruppelli continuou expandindo seus negócios. Após a morte do patriarca Hermógenes, em 1944, as terras foram divididas entre seus filhos que continuaram a diversificar e implementar os negócios locais. Segundo Roche (1969, p.580):

Foi desta maneira que, em todas as colônias, os comerciantes contribuíram para resolver, por meio de suas reservas de capitais, o problema dos transportes a curta e longa distância: tomaram a iniciativa da construção de pontes, participaram das sociedades de navegação do Rio dos Sinos.

Com o comércio crescendo, prosperava a comunidade junto com ele, ganhando instrumentos que facilitassem a vida do povo. Foram criadas, então, as primeiras linhas de ônibus. Em 1948, com a empresa dos Irmãos Leitzke, e a partir de 1955, quando passou a ser executada pela Empresa Bosembecker, duas linhas —percorriam as estradas de outras colônias com saída do Gruppelli às 7h e retorno

de Pelotas às 17hll (DIÁRIO POPULAR, 27/11/2005).

A chegada dos meios de transporte e a valorização dos produtos agrícolas desenvolveram economicamente a região e, juntamente com o desejo de ampliar negócios, transformaram o produto artesanal em industrial. Segundo Vieira(2009,p.74): —a fabricação de conservas caseiras da família Gruppelli que, possivelmente, atendia apenas o comércio local e a hospedaria, foi transformada, em 1958, na Indústria de conservas Prinsul Ltdall. Esse empreendimento gerou fluxo de pessoas, empregos e produtos, mudando significamente a paisagem, trazendo o foco da olaria para a indústria conserveira, o que fez a localidade girar ao redor da fábrica.

Em 1985, a fábrica acabou fechando e desacelerando o ritmo de vida da sociedade local, que recebeu um novo empreendimento de 1993 a2004, quando a Cerâmica Bella Gres esteve em atividade no mesmo prédio. Os empreendimentos trouxeram maior número de pessoas para a região uma característica que se estabeleceu no modo de vida da comunidade ao redor:

Todos os empreendimentos da Ollaria à Cerâmica Bella Grés assim como introduziram alterações na paisagem intensificaram o fluxo de pessoas na localidade, seja por trabalho ou por lazer. Essa movimentação por se manter, de certa forma, constante ao longo do tempo, acabou se tornando uma característica do lugar, além de contribuir com a sua divulgação e proporcionar aos moradores um entrosamento com pessoas diversas. Ou seja, o fluxo constante de pessoas passou a fazer parte da vida da localidade(VIEIRA, 2009, p.75).

O local hoje conta com várias atrações para o turista, como o armazém, que mantém as mesmas características desde sua origem, dispondo de produtos originários de produtores da colônia, os quais fornecem para a Casa Gruppelli, valorizando a produção local de frutas, legumes e derivados, como leite, banha, torresmo, manteiga, entre outros. Na propriedade, há produção de alguns produtos, como bolachas, pães, cucas e compotas, e fabricação de sucos de uva, vinho e licores.

A produção local com a presença do turista no estabelecimento, que escolhe os produtos que levará, de forma voluntária, muitas vezes dispostos em caixas de madeira nas quais foram trazidos direto das plantações. Outra característica que atrai o público é a questão da fabricação caseira de alguns produtos, como bolachas, cucas, lingüiças e doces, preparados manualmente pelos moradores rurais, sem a adição de outros suplementos que retiram a pureza do produto

preparado.

Além do armazém, o grande referencial da localidade é o restaurante, com comida típica caseira servida todos os dias da semana, e se encontra culinária com alimentos da colônia, bem valorizados, atraindo sempre muito público. O jeito de preparar os alimentos destaca o estabelecimento comercial, onde não são usados temperos que não têm origem rural; exemplo disso é a gordura utilizada para a preparação, que, ao invés do óleo de cozinha, é a banha de porco de animais criados na região. Segundo Schneider (2010, p. 6), a valorização dos produtos caseiros e originais é perceptível no restaurante:

Percebe-se que a valorização do caseiro e do *colonial* está muito relacionada às comidas feitas com alimentos considerados *naturais* (em contraposição aos elaborados a partir de produtos industrializados) e de maneira também *natural*, de forma a distinguir-se do tipo de alimentação encontrada na cidade, em que a produção de alimentos é realizada de forma padronizada e associada a uma maneira *fast* de ser no mundo. Tanto as comidas servidas no almoço, no restaurante, quanto os produtos vendidos no armazém, carregam, em grande medida, essas características associadas aos produtos *naturais*.

No teto do restaurante temos desenhada a bandeira do Brasil. Como a casa passou pela época do Estado Novo, e a família era originária da Itália, viram-se obrigados a deixá-la mais —brasileirall, de certa forma. Ainda dentro do restaurante são exibidos os troféus do Grêmio Esportivo Boa Esperança, time local com mais de 90 anos de história, fundado em 1924.

Aos domingos, o restaurante recebe seu maior público, sendo que neste dia há mais variedades de comidas. Em análise feita por Schneider (2010, p. 6), percebe-se que os visitantes da Casa Gruppelli, em sua maioria, são da cidade, mas em grande parte têm ligação com o rural:

Indagando aos presentes, pudemos constatar que a maior parte dos visitantes que almoçavam no Restaurante Grupelli naquele domingo eram moradores da cidade, mas que guardavam algum tipo de relação com o rural, guardando na memória relatos dos avós que viviam no campo. Como destacado por Ricardo, essas pessoas vêm ali redescobrir um rural contado por seus pais e avós. Mas, podemos pensar, já longe das dificuldades da vida no campo, esses sujeitos lançam sobre o rural um olhar positivado. Ou, como aponta Menasche (2009, p.7), produzem, —a partir da afirmação da ruralidade enquanto atributo do alimento desejado, uma idealização do campoll.

Na localidade, tem-se o costume de fazer a propaganda das atividades turísticas na região, apresentando outros locais de lazer e cultura para que o público possa aproveitar. Assim, não é diferente quando falam das coisas que são ofertadas

no próprio local. Sempre após as refeições, os visitantes são convidados a visitar o Museu Gruppelli, que fica localizado bem ao lado. Deste modo, além de apresentar outros pontos da colônia que podem ser usufruídos, tem-se a opção de, antes disso, conhecer sobre os modos de vida da região, que estão concentrados em nichos diferentes reunidos no casarão construído na década de 1930, concebido inicialmente para ser adega de vinhos no térreo e hospedaria no andar superior.

À seguir vemos algumas imagens: Casa Gruppelli(Figura 1), Parque Gruppelli(Figura 2), Arroio Quilombo(Figura 3), Museu Gruppelli(Figura 4) e entrada do Museu Gruppelli (Figura 5).

Figura 1: Casa Gruppelli



Fonte: Vinicius Kusma, 2016

Figura 2: Parque Gruppelli



Fonte: Vinicius Kusma, 2016

Figura 3: Arroio Quilombo



Fonte: Vinicius Kusma, 2016

Figura 4: Museu Gruppelli



Fonte: Vinicius Kusma, 2016

Figura 5: Entrada do Museu Gruppelli



Fonte: Vinicius Kusma, 2016

Museu Gruppelli e seu histórico

Nesse subcapítulo, chegamos ao local que reúne as memórias e destaca os modos de vida da região, sendo uma referência para quem busca relembrar os momentos vividos no passado junto a zona rural. Além disso, no Museu, estão presentes muitas dessas ruralidades já citadas anteriormente nesse trabalho.

O Museu Gruppelli é localizado no 7º distrito da cidade de Pelotas e foi inaugurado em outubro de 1998, por iniciativa da comunidade local. O acervo do Museu foi reunido através da coleta e de doações feitas por moradores da região, capitaneadas pela família Gruppelli, cujo objetivo era reunir referências do patrimônio rural que fossem significativas para a população circunvizinha. O contato com a comunidade local sempre foi mediado pela família, mas com uma visão comunitária aglutinadora.

Possui um acervo com cerca de 2.000 objetos que são divididos em várias tipologias (esporte, doméstico, impressos, trabalho rural e trabalho específico). Ele se apresenta como –um espaço de exposição e guarda de objetos que traduzem a ‘vida na colônia’, ou seja, as dinâmicas sociais de uma comunidade identificada pelas origens e trajetória imigrante (FERREIRA; GASTAUD; RIBEIRO, 2013, p. 58).

Para Ricardo Gruppelli (2016), em entrevista para a equipe do Museu, a ideia da criação do Museu surgiu devido a muitas pessoas que vinham relembrar sua infância na colônia, como no caso de parentes, vizinhos e veranistas. A maioria dos objetos que faz parte do Museu já se encontrava no prédio em que ele se situa hoje. Com o decorrer do tempo, o número de objetos salvaguardados foi aumentando gradativamente, seja por doação da própria família Gruppelli, ou mesmo por iniciativa de moradores locais que tiveram despertado o interesse em preservar as memórias do cotidiano dessa região.

Como a colônia é de uma fundação bem antiga, o pessoal despertou, valorizou. O pessoal olhava uma peça no Museu, uma enxada velha lá, sabe que eu tenho um enxadão lá que pode servir pro Museu. Então despertou esse resgate. Muita gente recolheu coisas que estavam atiradas no galpão, acondicionou melhor para preservar. Despertou a ideia de preservação (GRUPPELLI, 2016).

É importante mencionar que, hoje em dia, se considerarmos o sentido de uso, esses artefatos podem ser considerados defasados, em virtude do acesso a

instrumentos e ferramentas mais modernos. Hoje, eles estão expostos no Museu já como acervo, mas com sua significação utilitária ainda presente.

A linha que separa descarte (lixo) da inserção no circuito patrimonial (acervo) muitas vezes é tênue. Houve, com essas coleções, a maioria formada por objetos obsoletos, um processo de singularização com a intenção de preservá-los e difundi-los. Apesar de aparentemente banais, esses objetos foram selecionados por serem compreendidos como registros mnemônicos e identitários de suas histórias e da própria história da zona rural (BRAHM, 2016, p.116).

Os objetos expostos no Museu são extensões das pessoas, parte de suas vidas que adquiriram lembranças durante sua vida utilitária e, ao se separar delas, encontram no espaço um lugar, aos olhares de Candau (2014), como —extensões de memórias. Nesse momento, muitos desses objetos que se encontravam em final de existência, ganharam uma segunda chance, uma —segunda vida (DEBARY, 2010, p.4), ou seja, uma vida patrimonial.

Entre os anos de 1998 e 2008, o Museu não avançou em termos de proposta metodológica, quando o raro e curioso eram os norteadores da exposição:

Os objetos, nesse primeiro momento, estavam inseridos em uma atmosfera na qual a materialidade, o design, ou mesmo o curioso ou o raro eram os principais eixos norteadores da exposição. Se, por um lado, os componentes materiais e os atributos estéticos estavam sendo valorizados; por outro, todo o potencial informativo e simbólico permanecia esvaziado, notadamente para aqueles que não estavam integrados naquela realidade/território (FERREIRA; RIBEIRO; GASTAUD, 2009, p.61).

Em 2008, no 10º aniversário do Museu, a comunidade observou a necessidade de revitalizar o espaço museal. Percebeu-se que, se por um lado havia uma acentuada percepção do potencial patrimonial do espaço, por outro, o Museu padecia pela ausência de um olhar técnico-científico. Em outros termos, havia uma tácita percepção de que o Museu não havia amadurecido em termos de ações museológicas, apesar de sua significância para as memórias locais. A comunidade, então, solicitou apoio técnico à Universidade Federal de Pelotas (UFPEL), por intermédio do Curso de Bacharelado em Museologia, objetivando melhor manutenção e gerenciamento das coleções. Foi nesse contexto, levando em consideração a importância patrimonial e turística do sítio, que surgiu o Projeto Revitalização do Museu Gruppelli.

Segundo o professor Diego Lemos Ribeiro, no aniversário de 10 anos do Museu, em 2008, havia uma demanda local (da professora Neiva Acosta Vieira e da família) por uma qualificação técnica do Museu. Nesse período,

já existia na Universidade Federal de Pelotas o Curso de Bacharel em Museologia e museólogos para dar andamento a um projeto de intervenção no Museu. Foi nesse ano, então, criado por Diego Ribeiro um projeto de extensão vinculado à Pró-Reitoria de Extensão e Cultura (PREC), da Universidade Federal de Pelotas (UFPeI)(BRAHM,2016,p.117).

O projeto nasceu com o objetivo de aprimorar as condições ambientais da antiga adega onde se encontra o Museu, reconfigurar a expografia e implantar um novo sistema de documentação. Quando a Universidade chegou ao Museu, encontrou um ambiente muito parecido com os "gabinetes de curiosidades", no qual havia um potente esvaziamento de significados dos objetos expostos. Vislumbrou-se, então, a necessidade de recuperar as memórias e histórias daquelas referências patrimoniais que estavam esmaecendo com o passar do tempo. O caminho seguido para evocar estas memórias foi a abertura ao diálogo com a comunidade local, o qual ocorreu em todos os momentos dessa intervenção museológica.

Os objetos considerados documentos por excelência, os objetos "antigos", "históricos", são dotados de uma significação especial que faz com que eles representem o invisível. É por isso que eles não são mais manipuláveis, esvaziados das suas funções utilitárias. E é por isso que eles são, prioritariamente, expostos ao olhar(MENESES,1996, p.10).

A importância da Universidade no Museu é percebida pelos moradores locais e pelo público, trazendo melhor organização, principalmente na forma de expor seu acervo, conforme fala Paulo Ricardo Gruppelli em entrevista:

Eu classifico esse Museu AU e DU, antes da universidade e depois da universidade. Antes da universidade era um amontoado de peças. As peças eram colocadas aleatoriamente sem um projeto. Hoje não, hoje a coisa tá melhor graças a universidade né (sic) universidade, e a comunidade também que contribui, dá o seu valor (GRUPPELLI, 2016).

Diversas ações foram feitas desde 2008, até o momento, no Museu. Uma delas é a própria qualificação da exposição, que ampliou o potencial comunicativo, a exemplo da iluminação, do rearranjo dos objetos em nichos temáticos (trabalho rural, cozinha, esporte, vinho etc.) e a própria coleta de depoimentos, que subsidia todas as etapas de revitalização. Os processos de comunicação ocupam lugar de destaque, atualmente, no Museu, plasmados em exposição de longa duração, em exposições temporárias e no próprio diálogo travado com os moradores locais. Nos últimos anos, o Museu vem criando exposições temporárias, com o objetivo de trazer assuntos de interesse da comunidade local. Essas exposições temporárias temáticas são construídas com a participação de parcela da comunidade local. Durante os

últimos anos, várias exposições foram realizadas: costura, que tratava sobre a importância do trabalho da costura tinha para a produção local; 90 anos do Boa Esperança, time de futebol local que tem forte representatividade como ponto de encontro e confraternização entre família e amigos; Estado Novo, mostrando sobre a resistência que os imigrantes mantiveram durante esse período histórico brasileiro; melancia de porco, fruto tradicional na região, cujo doce gera lucro para seus produtores, além do doce colonial ter sido registrado como patrimônio imaterial, em 2017. Essas são características que podem ser consideradas patrimônio rural para a Academia.

O Museu vem investindo em ações educativas também. Em uma delas, foi solicitado que as crianças desenhasssem, de forma livre, o que elas mais gostaram em relação ao Museu. Outra ação ocorreu junto à Escola Garibaldi, em que, na exposição sobre as repressões no período do Estado Novo, foi pedido aos alunos que coletassem fotos e depoimentos com pessoas que vivenciaram essa época e pudessem contar como foi esse tempo para elas e, ao final, fizemos uma exposição com o material coletado.

Em outros termos, a paisagem ajuda a compor seu discurso; mescla-se ao próprio Museu. Exemplos disso são a presença de animais em um mini zoológico criado na paisagem, os prédios com as características originais, as árvores e o arroio, entre outros pontos marcantes de uma propriedade rural.

O Museu ainda tem investido na questão da internet, ao criar um perfil no Facebook e no Instagram. As pessoas tiram fotos dentro do Museu, que são uma forma de compor a linguagem do mesmo. É realizada, ainda, uma série de atividades vinculadas a datas festivas, como dias das mães e dias das crianças, por exemplo.

Em 2018, o Museu completou 20 anos, e essa data foi comemorada com uma festa ao ar livre na própria paisagem, como uma forma de destacarmos o meio rural e suas características. No evento, ocorreu a produção de bolo na pedra, uma tradição da localidade. Também foi proporcionada a fabricação de brinquedos antigos, como pé de lata, perna de pau e futebol de prego. Além disso, tivemos a sonorização com banda da região.

Outro fato que aconteceu durante o evento foi a produção do doce de melancia de porco, feito em um tacho de cobre. Destacamos que esse objeto fica exposto no Museu Gruppelli e, quando se necessita fazer doces, ele deixa sua vida

simbólica dentro do espaço expositivo e volta para sua vida utilitária. As pessoas percebem que o objeto dentro do museu volta a ganhar vida, volta a ter uma significação/ressignificação utilitária:

Por intermédio de suas diferentes ferramentas comunicacionais, transformar-se –em um difusor de narrativas das coisas do homem e do mundo, propiciando a significação/ressignificação consigo, com o outro e com a realidade que o cercall (FARIA, 2010, p. 345).

A mesma coisa acontece com a bandeira do Boa Esperança, clube da localidade. Em dias de jogos importantes, os torcedores buscam o objeto no Museu e o levam para o campo, na certeza que trará bons resultados para a equipe. Nos dois casos, logo após sua utilização, voltam para seus respectivos nichos temáticos.

Desde março de 2020, o Museu se encontra fechado devido à pandemia da Covid-19, porém ele se mantém em atividades de *home office*. A equipe continua trabalhando de forma remota fazendo publicações nas redes sociais e realizando pesquisas com doadores de objetos do Museu.

O Museu se organiza em nichos temáticos relacionados ao trabalho rural, ao serviço do homem e da mulher do campo e as atividades mais comuns realizadas naquela região. Os nichos foram montados com objetos que conversassem entre si e dessem um contexto melhor os mesmos, sendo representado o trabalho rural através de dois nichos. As atividades, como já mencionado, estão estabelecidas pela produção de vinho, a hospedaria, o gabinete dentário e a barbearia.

Para melhor representação dentro do espaço expositivo, são utilizados textos com depoimentos de doadores, áudios gravados com moradores e exposições temáticas que representem a comunidade através de temas debatidos nas reuniões do projeto de extensão UFPel. Assim, trazemos para o público essas ruralidades presentes no local, com exposição principal e temporária sempre com o objetivo de representatividade do morador local, para que seus costumes, seu modo de vida e suas atividades sempre estejam em evidência dentro do Museu. Os nichos temáticos traduzem, de certo modo, como o Museu organiza os elementos do patrimônio rural.

Patrimônios rurais do sítio Gruppelli

As questões metológicas para o desenvolvimento desta pesquisa foram

elaboradas em forma de um estudo de caso, sobre o patrimônio rural nas cercanias do Museu Gruppelli, de modo a observar e compreender como se estabelece esta dimensão do patrimônio nessa região. Consideramos, para isso, que —Uma observação é uma *interpretação*: é integrar uma certa visão na representação teórica que fazemos da realidade (FOUREZ, 1995, p. 40).

O conhecimento, como se nota, forma-se a partir da pesquisa que, segundo Gil (2007), é possível classificar com base em seus objetivos, de três maneiras: a exploratória; a descritiva; e a explicativa. De acordo com Gil (2007), a pesquisa exploratória visa maior aproximação, maior familiaridade com o problema, explicitando-o. Considerando os objetivos desta pesquisa, parece-nos mais adequado, em razão de sua flexibilidade, a adoção da pesquisa exploratória.

Como metodologia de pesquisa utilizaremos um estudo qualitativo dos fatos:

A análise qualitativa é menos formal do que a análise quantitativa. (...). A análise qualitativa depende de muitos fatores, tais como a natureza dos dados coletados, a extensão da amostra, os instrumentos de pesquisa e os pressupostos teóricos que norteiam a investigação. Pode-se, no entanto definir esse processo como uma sequência de atividades, que envolve a redução dos dados, a categorização desses dados, sua interpretação e a redação do relatório (GIL, 1995, p. 133).

Como ferramentas de coletas de dados para investigarmos o patrimônio rural na região, faremos uso das entrevistas em três dimensões: do público (pessoas escolhidas de forma aleatória), dos fundadores e da Academia. Para atingir os objetivos, 15 pessoas foram entrevistadas presencialmente, de forma randômica, com base em um roteiro de perguntas fechadas e abertas. As perguntas fechadas foram elaboradas para fins de identificação (nome, cidade, idade, morador da região ou não); as abertas foram dimensionadas da seguinte forma: o que pessoa gostaria que fosse preservado para as próximas gerações naquele contexto e/ou com o que a pessoa mais se identifica nessa localidade e por quê. Não utilizamos o termo patrimônio nas entrevistas, mas outros termos como: identificação, valorização, importância, para obtermos as respostas – partindo da premissa de que nem todos compartilham da mesma ideia de patrimônio em que a Academia e as agências do Estado se ancoram. Devido à pandemia da Covid-19, as entrevistas foram realizadas parte presencial (entrevistas com público) e outra parte de forma on-line, através do aplicativo de mensagens Whatsapp, no período entre final de 2019 e começo de 2021.

Como as três dimensões de público se diferenciam entre si (público, fundadores do Museu e Academia), confeccionamos três roteiros diferentes para a coleta de informações. Para compreender o discurso do Museu, tivemos entrevistas com o público em geral; o segundo momento foi vez dos fundadores do museu; por último, entrevistamos pessoas que representam a Academia, para obtermos desse modo suas opiniões.

Para entrevistar os moradores locais e o público, formulou-se um questionário com as seguintes perguntas:

- Você é morador da zona rural? Sim ou não? Obs.

-Com o que você mais se identifica na região/O que lhe interessa na região?

-O que lhe motiva a vir aqui?

-O que você acha importante ser preservado nessa localidade?

-Alguma coisa ou local lhe desperta alguma memória? Qual importância que o Museu Gruppelli tem pra você?

-Você voltaria a visitar o Museu e a região?

-Você tem algum costume, atividade ou objeto que remete à ruralidade? Se sim, qual?

Essas perguntas foram feitas com 15 pessoas de forma aleatória, as quais vinham até a localidade do Gruppelli. Então, a visita do público foi o momento em que realizamos as entrevistas na paisagem que remete a possibilidades que possam ser categorizadas como patrimônio rural.

Nas primeiras entrevistas, várias observações sobre a paisagem e as ruralidades foram relatadas; a importância de ter referências culturais na região é um exemplo. Muitos vêm até a zona rural em busca de rever os amigos, considerando a paisagem um elo para que as próximas gerações continuem vindo até o campo mantendo as tradições das famílias, sendo o Museu um local de referência para que o rural se mantenha com as memórias vivas. Das 15 pessoas entrevistadas, todas citaram a palavra -relembrar e concordamos que o sítio em si, por manter características originais por muito tempo, contribui para que seja um local de lembranças para as pessoas. De certa forma, esse relembrar o rural está presente em várias formas de trabalho nos nichos do Museu Gruppelli.

Durante a pesquisa, todas as pessoas também já tiveram algum contato com o campo anteriormente, assim como com objetos do cotidiano do campo. É relatada,

em algumas entrevistas, a importância não só da preservação dos objetos, mas das lembranças e memórias adquiridas por eles. Um exemplo interessante disso está na fala de um entrevistado quando cita a semeadeira manual do Museu, objeto que utilizou no início de sua vida como agricultor:

Eu lembro que utilizei uma semeadeira como essa no início das minhas plantações de arroz, a gente colocava na cintura e girava a manivela, já saía plantando. Boas recordações eu tenho com essa máquina, me auxiliou muito, hoje em dia tá tudo moderno as coisas evoluíram, mas eu tenho saudade de usar essas máquinas foi um tempo bom da minha vida(KOVALSKI,2019).

Dependendo das lembranças, cada família tem objetos e costumes que mais se identificam: o doce no tacho, as memórias boas das festas de igreja, o uso do debulhador de milho –coisas que marcam na vida de quem teve contato com o rural. De certo modo, compreendemos que isso chama o público para voltar até a localidade para reativar essas memórias, para preservar o que se viveu.

Como vimos, a partir de Chiva(1995), o patrimônio rural inclui toda uma diversidade de elementos, como objetos, utensílios, saberes e técnicas de construções. Em uma das entrevistas, é citado como exemplo o tacho, que a família, descendente de Morro Redondo, voltou a ver em Pelotas depois de muitos anos. Também, foi citada a importância de cada costume para a região, quando deixamos de participar, e o Sr. João lembra que —era muito bom, a família se reunia para fazermos o doce daquela safra, e assim depois de feito a gente repartia o doce, depois que saímos da colônia sentimos falta disso.

Então, o público volta à colônia para relembrar esses costumes, ir em locais nos quais eles ainda estão presentes e, assim, prestigiar para que a tradição não se perca. Eles criam uma ligação com o espaço, como destacado por Santos(2001), e vêm em busca de novos conteúdos, produtos, circulação de insumos, o que gera movimento na região e aumenta a produção dos produtos locais.

O próprio cenário contribui para essas lembranças virem à tona. No sítio Gruppelli, as características mantidas na paisagem pela família faz as pessoas gostarem do espaço. Foram citadas algumas dessas características pelas pessoas, como a culinária, pois 100% dos entrevistados citam que vêm até o sítio para degustar a culinária local e aproveitam para visitar o Museu.

Anteriormente, vimos que essas características mantidas nas propriedades são ruralidades destacadas por Medeiros (2001) e Chiva (1994). As pessoas

procuram lugares como o Gruppelli para usufruir desses modos de vida, relembrar o passado, degustar a culinária do local e visitar espaços de memória, como o Museu Gruppelli. Esse conjunto de características rurais pode ser considerado patrimônio rural para elas. Neste ponto, vemos que gastronomia e cultura estão interligadas na visão das pessoas que buscam um espaço de lazer e gastronomia no restaurante e já visitam o Museu para relembrar o seu passado.

Várias pessoas (cerca de 80% dos entrevistados) já sabiam da existência do Museu também, mas os outros 20% o estavam conhecendo pela primeira vez. Um papel importante para esses dados é a visita depois do almoço, pois, quando as pessoas passam pelo restaurante, são convidadas para ir até o Museu Gruppelli visitá-lo.

Em uma das entrevistas, a pessoa destaca que há essa ligação entre ambos os espaços: —Eu estava lá saindo do almoço e a senhora de lá disse que tinha um museu aqui, então falei para minha esposa vamos lá conhecer o Museu, é sempre uma lembrança boa recordar o que a gente já viveu.

As pessoas não fragmentam o patrimônio rural; ao contrário, elas observam todo o cenário, interconectado, como patrimônio. Por exemplo, preservar os objetos do Museu é importante, mas é preciso preservar os alimentos do Restaurante, os produtos do armazém, os animais da propriedade. O contexto todo é o patrimônio para o público.

Algumas outras características foram observadas, como o Arroio Quilombo, que é um lugar para se refrescar durante o período de verão, e também um lugar para ficar embaixo das árvores bebendo chimarrão. Sendo assim, é um local a ser preservado do ponto de vista do lazer e da diversão para o público.

O esporte é outro elemento que contribui para as pessoas virem até o sítio. 30% dos entrevistados citaram que o futebol é essencial por reunir os amigos nos finais de semana, trazendo pessoas de outras localidades. Aqui, percebemos que há uma troca entre esse público, pois se movimenta a localidade gerando lucro para a região também.

O geógrafo Milton Santos (2000, p. 88) diz que —a competitividade, característica das atividades leva a um aprofundamento e a uma instalação de uma agricultura científica, e essa geração de lucro junto com a competitividade faz com que o território cresça. Segundo Medeiros (2001, p. 180), —o lugar, portanto, tem papel

importante para o capitall.

O saber-fazer local é mais um ponto importante observado por 50% das pessoas. Os produtos alimentícios têm originalidade, pois, segundo as pessoas entrevistadas, os moradores locais sabem fazer por trazerem dos seus antepassados as receitas, o modo de fazer, o ponto certo que o visitante procura.

No armazém da Casa Gruppelli, encontramos esses produtos dos moradores do entorno. Há essa busca do visitante, segundo as pessoas, em vir até aqui encontrar essa originalidade no Gruppelli, assim como cita uma entrevistada: —Eu venho até aqui sabendo que vou encontrar aquele pão quentinho, o doce de abóbora da vó, o feijão da lavoura lá de casa, sabe me traz essas recordações e me entusiasma a vir até aqui.

Vejamos que culinária, costumes e território estão conectados em conjunto; as pessoas percebem que o patrimônio é um todo. Podemos perceber que 12 dos 15 entrevistados já moraram no campo e uma das características rurais é a cooperação entre as pessoas para conseguirem melhores condições de vida e sustento entre ambas partes. Segundo foi destacado por Medeiros(2001,p. 179),—essa comunidade humana é muitas vezes representada pela forma de viver que associa o território, às relações de vida e a coesão sociall.

Na segunda parte da pesquisa,buscamos descobrir o que os fundadores do Museu identificam como patrimônio rural. Para isso,usamos entrevistas com Margareth Vieira e Paulo Ricardo Gruppelli, pessoas que participaram do processo de criação do Museu Gruppelli, em 1998.

Quando perguntamos para Ricardo Gruppelli (2021) sobre o que considera importante ser preservado no sítio, ele cita a questão do prédio que, antigamente,era uma adega de vinhos:

O que eu acho que deve ser preservado, restaurado realmente, que só o prédio já é muito importante por que é um prédio antigo e funcional é algo que identifica bem aquela região, por que era uma região produtora de vinho, ali faziam 10, 15 ou até mais mil litros de vinho e outros tipo também, alguns fermentados alcoólicos, então eu acho que o prédio é o mais importante que deve ser preservado, a não ser que faça um museu muito mais moderno e retirem aquelas peças daquele lugar.

Já Margareth(2021) considera que tudo o que possa ser preservado deva ser, mas,principalmente, —o que inclui além do parque, do arroio, dos prédios, do museu, o modo de vida, ou seja, a estreita relação com a natureza e o turismoll.

Notamos que o patrimônio está integrado ao território novamente; ele é o reflexo de várias atividades rurais, os modos de vida do morador local. No sítio Gruppelli, nós encontramos muitas dessas atividades presentes, seja nos objetos expostos no Museu Gruppelli, nos produtos vendidos no armazém, nos alimentos do restaurante, nos animais, ou no arroio Quilombo, que são as ruralidades em si. Vemos, através de Medeiros(2001), que a ruralidade são as atividades, o modo de vida rural, quando pensado e discutido sugere uma gama considerável de cenas do mundo rural.

Podemos observar que as respostas são diferentes, mas procuram o mesmo propósito de preservar elementos que identifiquem a região. Porém, na opinião de um entrevistado, ele busca em apenas um elemento identificar a região, enquanto a outra entrevistada busca o todo com mais elementos e cita a relação das pessoas com a paisagem em busca de preservá-los. Logo, procuramos entender quais as características da região devem ser preservadas e levadas para o futuro, a partir da visão dos entrevistados. Nessa pergunta, observamos que em ambas as respostas aparece a questão dos produtos locais, sua originalidade, seu modo de fazer e a relação entre os sujeitos e os produtos.

A entrevistada traz à tona que tudo da ruralidade que possa ser herdado dos antepassados e trazido de geração em geração deve ser preservado e valorizado. Então, ela cita um exemplo disso que está acontecendo hoje em dia ainda:

Antigamente, os colonos vinham à cidade para vender sua produção. Hoje, o Julio Gruppelli retomou essa atividade comercial. Então eu, moradora da cidade, posso comprar direto do produtor, toda semana, mel, queijo, ovos, bolachas. Produtos com marca de qualidade advinda de uma longa experiência. Conhecimento que não deve ser desperdiçado(VIEIRA,2021).

Para Ricardo Gruppelli, a gastronomia é a principal característica da região, sendo que ela foi criada para ser um local de minifúndio, local para gerar alimentos capazes de seu povo sobreviver a uma guerra:

Se alimentar aqui na região, vim aqui pra comer, se alimentar é praticar um slow food, por que a maioria dos alimentos estão aqui no entorno, nossa colônia é muito rica, uma questão de dispensa, aquela dispensa que está em baldes guardados dentro da dispensa, tanto como a dispensa viva tem uma quantidade de animais aí, uma variedade de animais aqui que pode manter por muito tempo a alimentação da região e muitas frutas, vinhos, produtos, porque essa gastronomia aqui oferece, nossa gastronomia tem influência alemã, italiana, afro é uma região híbrida, uma colonização híbrida é uma coisa bem diferente por que aqui bem adiante a gente já tem o pampa que é uma região de latifúndio, mas aqui existe um pouco de produção de gado de corte e todos esses alimentos(GRUPPELLI,2021).

O visitante, antes de vir até a colônia de Pelotas, abre um link em seu imaginário, pensando no que encontrará quando chegar na zona rural, como doces, linguiça, pão, cucas e frutas, por exemplo. Isso está ligado com as memórias que a pessoa adquiriu ao longo do tempo; há uma ligação da pessoa com os produtos por ter vivido na colônia, sua família ser originária do local ou por saber que na região encontrará os produtos originários do saber-fazer local.

Vimos, segundo Schneider(2010), que a busca por produtos originais e caseiros é perceptível no restaurante: —a valorização do caseiro e do colonial está muito relacionada as comidas feitas com alimentos considerados naturais.

Essa ligação mencionada por Ricardo(2021), das pessoas virem procurar a receita da vó, o feijão caseiro, o doce, sempre de produtos naturais

Concordamos com (SCHNEIDER, 2010, p. 6), em pesquisa feita anteriormente no Restaurante Gruppelli, —que a maior parte dos visitantes que almoçam no Restaurante, são moradores da cidade, mas que guardam algum tipo de relação com o rural, guardando na memória relatos dos avós que viviam no campo.

Em sua fala, Ricardo Gruppelli comenta que a gastronomia é o carro-chefe atualmente na colônia e o crescimento da valorização da produção está fazendo com que as pessoas invistam mais nos seus produtos para o futuro:

Então essa questão de produção aí como eu tava te falando o futuro repete o passado, à 70, 80 ou até 90 anos atrás, os meus avós, bisavós produziam azeitonas, aspargo, pepino, produziam morango e era tudo industrializado na região aqui do lado então era uma colônia auto suficiente e hoje tu vê estão plantando de novo oliveiras, nós ainda temos alguns pés remanescentes, então essa questão gastronômica é muito gritante e isso leva essa colônia ser reconhecida, trouxe a tona e a gente procura manter a tona esse tipo de característica da nossa colônia e de outras (GRUPPELLI, 2021).

Então, hoje, a gastronomia pode ser considerada a principal característica do sítio, por ser um local de ampla produção de produtos advindos das propriedades ao redor do local e por estarem relacionadas a ela o modo de fazer, a originalidade e a autenticidade da produção. No contexto da gastronomia, não está só o alimento, mas toda a cadeia produtiva, do campo ao prato e isso remete também aos instrumentos utilizados na lavoura, muitos deles representados no próprio Museu.

Como vimos em Santos(2001), os produtos agrícolas começaram a gerar lucro para as pessoas que sentiram a valorização de suas propriedades, com o avançar do tempo, no espaço rural, —através do discurso legitimado pelo capital, que

se instalam os objetos da modernidade agrícola (MEDEIROS, 2009, p. 180). Deste modo, os objetos utilizados na produção agrícola antigamente passam a não ter mais o valor de uso que tinham na produção e passam a ocupar espaços de memória, como é o caso do Museu Gruppelli.

Em seguida, perguntamos como o Museu contribui para a percepção e valorização dessas características que o sítio possui. Em apenas uma frase, Margareth consegue resumir bem o papel que ocupa no cenário da propriedade: –Ao expor através de objetos um modo de vida o museu evidencia e valoriza essa identidade colonial que ainda é transmitida de geração a geração (VIEIRA, 2021).

Para o outro entrevistado, a criação do Museu despertou essa valorização do passado e dos seus antepassados através do modo de viver e produzir:

Ele foi muito importante por que quando começou aparecer visitantes para ver o nosso passado despertou na população da região valorizou o trabalho dos seus antepassados e muitos valorizaram não só o trabalho dos seus antepassados por que isso aí continuou esse trabalho até hoje tem o mesmo método de trabalho, método de produzir e tu sabe bem como diz o mestre Cazuzá: –o futuro repete o passado, então esse passado ainda está presente aqui não totalmente como era antigamente por que essa colônia aqui era auto suficiente (GRUPPELLI, 2021).

O que podemos destacar é que o Museu representa os modos de viver da colônia, é muito representativo para os moradores locais e nele estão simbolizados esses modos de vida através dos objetos. Considera-se que a extensão das pessoas está salvaguardada dentro do espaço expositivo do Museu Gruppelli, que contempla várias memórias desses moradores.

A última e importante pergunta que objetiva e responde a maior questão desse trabalho é sobre o que esses fundadores consideram patrimônio rural no sítio Gruppelli. Nossa entrevistada, objetivamente, considera o modo de vida que contempla a estreita relação entre a natureza e a comunidade local. Já, para Ricardo, o patrimônio rural contempla os produtos originais encontrados no armazém e no restaurante, produtos com autenticidade do próprio sítio e de propriedades vizinhas; ele também relata que o cemitério local pode ser considerado um patrimônio.

Para os dois entrevistados, vemos que, mais uma vez, a natureza, os modos de vida e as ruralidades estão contempladas como patrimônio rural, pois são um conjunto que conversa entre si. Isso pode ser corroborado com a ideia de Tognon (2002, p. 2): —o patrimônio cultural rural reúne além do conjunto de registros materiais e imateriais originários das práticas diárias e costumes, as formas de

produção estabelecidos na área rural.

A valorização do espaço rural está ligada com o consumo cada vez maior do público através do turismo rural. Ele traz ao público as características rurais mantidas pelas propriedades, o modo de vida do morador local, além da valorização dos produtos feitos pelas pessoas. Conforme já mencionado, na Casa Gruppelli, temos artesanato indígena, artesanatos feitos por artistas plásticos, feiras de flores e produtos feitos com alimentos plantados nas propriedades vizinhas, como doces, licores, vinhos, geléias etc.

Como destacamos anteriormente, o Ministério do Turismo considera o patrimônio rural justamente o que acabamos de falar, concordando assim que —é o conjunto de atividades turísticas desenvolvidas no meio rural, comprometidas com a produção agropecuária, agregando valor a produtos e serviços (BRASIL, 2003, p.11).

Passando para o próximo questionário, entrevistamos representantes da Academia, através dos professores Diego Lemos Ribeiro, coordenador do projeto de extensão Revitalização do Museu Gruppelli, e Fábio Vergara Cerqueira, coordenador do Museu Etnográfico da colônia Maciel e Museu da Colônia Francesa. Ao perguntarmos sobre as potencialidades na região do sétimo distrito de Pelotas, Diego acentua a questão da dimensão simbólica que os objetos ocupam para as pessoas:

O fato daqueles objetos terem uma dimensão simbólica muito acentuada, algumas pessoas podem argumentar que no geral os objetos tem uma dimensão simbólica, e não estariam erradas, mas a questão é que os sujeitos viveram com aqueles objetos, elas não tão somente usaram em algum momento eram como instrumentos, extensões desses sujeitos, prolongamentos desses sujeitos. E então aqueles objetos não estão destacados da própria paisagem, do próprio território que eles vivem então aquilo fala com o íntimo dos sujeitos e eu acho que isso é uma tremenda potência (RIBEIRO, 2021).

As pessoas se sentem representadas através dos objetos; neles estão as memórias e lembranças adquiridas durante suas vidas pela utilização, lembranças marcadas também pelos seus modos de vida, de viver, se vestir, trabalhar, produzir e se alimentar:

Enquanto muitos museus tratam de objetos distantes dos sujeitos de outros tempos, outros lugares, aqueles objetos que estão no galpão ou no museu eles traduzem um modo de vida muito particular, muito singular da colônia e eu acho que isso é uma tremenda potência. Por intermédio desses objetos você pode falar sobre modos de viver, modos de morrer, modos de

trabalhar, sobre economia, sobre todas as dimensões sociais e dos próprios sujeitos e eu acho que isso é lindíssimo(RIBEIRO,2021).

Concordamos com Ribeiro, pois os objetos expostos no Museu ainda estão muito presentes na vida e no cotidiano dos moradores locais. Como citado por ele, os objetos ainda estão em uso nas plantações agrícolas, como, por exemplo, a plantadeira manual, a semeadeira, o fumigador. Nem todos os sujeitos têm presentes em suas propriedades objetos modernos ou tecnológicos; então, muitos objetos que, para muitos, são só objeto de museu, para outros, ainda estão muito vivos e em uso nas suas propriedades.

Na continuidade de sua resposta, Diego falou sobre como, no Museu e no galpão, os objetos são extensões desses sujeitos e estão representando nesses espaços os seus modos de viver e trabalhar. Concordamos com Ribeiro quando diz que os objetos são extensões desses sujeitos, baseado em Meneses(1996, p. 110):—objetos antigos, são dotados de uma significação especial que faz com que eles representem o invisível.

Na pergunta seguinte, questionamos o papel que o Museu Gruppelli assume das referências culturais da região. Para ele, o papel é o de guardar e expandir essas referências de forma pública:

Eu acho que o Gruppelli assume o papel de guardar essas referências patrimoniais, mas muito mais do que guardar, fazer expandir, divulgar, fazer circular esses modos de vida muito particulares daquela região. Enquanto muitos museus apenas retêm os objetos, o grande barato do Museu Gruppelli no meu entendimento é que ele faz esses simbolismos e esses modos de vida ganharem uma dimensão pública e eu acho que isso é importantíssimo e quem fala isso não sou somente eu, quem fala isso são os próprios sujeitos que vivem naquele lugar(RIBEIRO,2021).

Salvaguardar, preservar e difundir de forma pública valoriza os modos de vida da população daquela região, faz com que o morador se sinta prestigiado para assim continuar com suas atividades agrícolas e seus modos de saber-fazer.

Depois, perguntamos de que forma as tradições na Casa Gruppelli contribuem para a valorização dessas ruralidades na região. Em sua resposta, Ribeiro (2021) explica que o público que vai até o Gruppelli busca uma experiência como um todo, comida, arroio, museu, esporte:

No meu entendimento quando o sujeito vai até o sítio, até lá o Gruppelli, ele não busca só ver artefatos, árvores, pássaros. Ele não quer só molhar o pé no arroio, ele quer isso tudo junto, ele quer a experiência, e a experiência inclui estar no lugar, o comer a comida com uma receita antiga, o ir no armazém comprar alguma coisa, ir ao museu, se tiver tendo jogo de futebol

dá uma olhada lá, vê os bichos, isso tudo emaranhado, isso tudo interligado que é o próprio patrimônio no meu ponto de vista.

Concordamos com o ponto de vista de Ribeiro quando fala que o sujeito busca a experiência toda do local. Conforme já mencionado, pela visão do público e dos fundadores também, o público quer acesso a esse conjunto de opções que a localidade possui de forma interligada. Eles buscam —novos conteúdos, novos comportamentos, graças às enormes possibilidades de produção e, sobretudo, da circulação dos insumos, dos produtos, do dinheiro, das ideias e informação, das ordens e dos homens (SANTOS; SILVEIRA, 2001, p. 52-53).

Na pergunta mais objetiva, indagamos o que Ribeiro considerava patrimônio rural. Para isso, ele volta a frisar que o patrimônio rural em seu entendimento é o conjunto de várias dimensões possíveis:

Os modos de vida que envolvem a própria paisagem, os sujeitos que moram lá, os cheiros, os sabores, a cozinha, a fumaça que sai de cima da casa, o próprio museu. Eu considero patrimônio rural justamente todos esses elementos juntos.

Aqui, podemos ver que todos esses elementos juntos são considerados patrimônio rural para ele. Consideramos que sua fala está contemplando que diz Tognon (2002, p. 4):

Podemos definir o patrimônio cultural rural como o conjunto de registros materiais e imateriais decorrentes das práticas, dos costumes e das iniciativas produtivas que se estabelecem, historicamente e territorialmente, na área rural.

Porém, ele afirma que sua visão é posterior à visão nativa das pessoas que vivem lá na comunidade local e na região:

Mas tem uma outra questão que eu queria sinalizar, ela é uma visão posterior à visão nativa de patrimônio, e o que eu quero dizer com isso, quando a academia chegou lá com uma equipe, eles já tinham selecionado esses bens patrimoniais. Esses bens não foram selecionados pela ciência, pela academia e nem por um órgão do governo. Esse patrimônio foi circunscrito, nomeado através de uma visão nativa de patrimônio, ou seja, eles elencaram aquilo que deveria permanecer à longo prazo, nós apenas organizamos e sintetizamos tecnicamente essa visão de patrimônio que era anterior que era da própria comunidade. Isso é importantíssimo para pensar patrimônio (RIBEIRO, 2021).

Aqui destacamos que Ribeiro, por ter chegado em 2008 apenas à zona rural de Pelotas, deixa claro seu papel como agente e divulgador desse patrimônio através do Museu Gruppelli. A significação e seleção do que pode ser considerado

patrimônio rural vem dos sujeitos que habitam a localidade, de sujeitos que utilizam o objeto na sua rotina, de quem está com esse patrimônio presente ao seu redor. Então, entendemos que, para o entrevistado, o patrimônio rural é um conjunto dos modos de vida das pessoas que moram lá, considerando todos esses elementos citados anteriormente pelo entrevistado. Ele coloca que o mais importante é como as pessoas identificam esse patrimônio, a academia organiza e difunde para a sociedade os bens salvaguardados pela população através do Museu.

O outro entrevistado, Fábio Vergar Cerqueira, fala sobre as potencialidades que há no sétimo distrito de Pelotas, abrangendo principalmente os prédios:

Olhando especificamente para o 7º distrito, a gente pode falar de prédios relativos ao ciclo vinícola que é do fim do XIX primeira metade do século XX, nós temos como ali na colônia francesa ou no Gruppelli as duas poderia considerar principais as estruturas de viníferas e lá no Gruppelli aquela grande vinícola, não sei se tu tivesse oportunidade de visitar, o Gruppelli não, queria dizer lá na colônia francesa é bem no distrito, na localidade e depois uma quantidade expressiva de remanescentes arquitetônicos do ciclo da economia conserveira, alguns galpões de fábrica ainda, chaminés conservadas e muitos desses prédios (CERQUEIRA, 2021).

Nos caminhos ao redor do sítio Gruppelli, encontramos muitas dessas características, principalmente a arquitetura que se mantém conservada e sobrevivendo ao tempo. Muitos desses espaços foram dados outros usos segundo salienta o entrevistado:

Eles têm características arquitetônicas que merecem ser guardadas independente de quem habitar no prédio, a pessoa pode ter a delicadeza de manter essas características, pode ter essa gentileza. Um exemplo legal disso é o Museu da Colônia Francesa, e o Museu da Maciel um outro exemplo, que infelizmente teve problema de desabamento do telhado (CERQUEIRA, 2021).

Vemos que Cerqueira trata inicialmente de um patrimônio rural material, principalmente podemos destacar a questão arquitetônica não mencionada pelas outras visões do patrimônio. Consideramos importante o fato de estarem preservados esses prédios, considerando que deixaram sua função utilitária principal, mas foram dados outros usos, como o exemplo do Museu da Maciel, que, além de ser uma antiga escola, hoje abriga um espaço de memória com objetos que também simbolizam o patrimônio rural. Isso seria considerado patrimônio rural material, juntamente com escolas rurais, moinhos, fábricas e salões.

Como mencionado anteriormente, esses prédios receberam outros usos. Onde hoje é o Restaurante Gruppelli também já foi um salão de baile. Na pesquisa

de Maciel(2012, p. 16),lemos sobre detalhes dos tempos de baile: —O salão ficava ao lado do armazém da família, o qual, segundo a senhora Norma, (...) tinha de tudo. O salão atualmente encontra-se fechadoll.

Em seguida, relembramos outro prédio também nas terras da família Gruppelli:a fábrica de conservas caseiras da família Gruppelli que, em 1958, foi transformada na Indústria de Conservas Prinsul, segundo Vieira(2009, p.74).Concordamos que esses prédios têm uma memória para muitas pessoas que participaram dos bailes, trabalharam nas fábrica ou estudaram nas escolas, por exemplo.Podemos,sim, considerá-los como patrimônio rural.

Agora partindo para o imaterial, duas grandes potencialidades são citadas:o vinho, primeiramente com a grande produção no sétimo distrito, e a necessidade de unir a tradição do modo de preparo, com a tecnologia e a técnica para o desenvolvimento da produção, ambos para contribuir com a preservação dessa característica local:

Algumas gerações que gostam da ideia de manter um modo tradicional de fazer o vinho que entendem por ser tradicional e ação de órgãos como EMBRAPA e setores assim da Agronomia da Universidade que tem uma visão mais técnica e tecnológica do desenvolvimento do vinho. Então, eu vejo a necessidade do diálogo entre o setor com olhar mais tecnológico e um setor com olhar mais cultural para pensar em formas intermediárias assim que ao mesmo tempo contemple as necessidades de desenvolvimento dessa indústria do vinho e resguardar características de patrimônio cultural que são de outro lado um atrativo muito importante(CERQUEIRA,2021).

A questão do vinho sempre foi muito forte na localidade.No próprio Gruppelli, o prédio que abriga o Museu foi uma adega de vinhos por muitos anos. Ricardo Gruppelli, em sua entrevista, falou sobre a importância de se preservar o prédio importante para a fabricação de vinho pela família. No Museu, temos um nicho em específico falando sobre a vinícola, com moedor e prensa de uvas, cestos para carregar as frutas até a adega e barris de vinho. Além disso, temos ainda intacto o tanque no qual era amassada a uva com os pés. Esse é um exemplo que pode ser considerado tanto patrimônio material, por causa de seu prédio, como imaterial pela produção do vinho.

Depois do vinho, vem a questão do doce, principalmente à partir da forte produção da fábrica da família Crochemore, na localidade da Vila Nova:

A questão do doce, que tá mais pronunciada indubitavelmente ali na Vila Nova pela presença da atividade ainda da fábrica do Crochemore o avô, o

pai e com a fábrica de doce mais em cima e a outra mais embaixo e habilitada antiga fábrica do Nestor Crochemore que dá nome à escola que é irmão do que que é vivo ainda o Nelson e mas isso se espalha por toda a região colonial de modos diferentes(CERQUEIRA,2021).

Porém, algumas produções de doces não estão inventariadas ainda, como é o caso da produção de cucas e biscoitos com as farinhas, o que também merece ser valorizado por ser característico principalmente em zonas de colonização alemã.

Outro ponto a ser destacado na fala do entrevistado são os pomares de pêssego. A região é uma grande produtora da fruta e atrai muitos visitantes, hoje em dia, sendo um importante ato para o fortalecimento turístico da localidade. Aqui vemos outra coincidência entre duas visões do patrimônio rural. Gruppelli também destacou a produção dos pomares da região como uma característica importante a ser preservada: —o pêssego mesmo aqui da região é um patrimônio por que o pêssego mesmo começou por aqui, a maior concentração de chácara de pessegueiro na década de 70 por aí era aqui em um raio de 1,5 kmll.

A seguir, falamos sobre a importância do Museu Gruppelli para as pessoas perceberem as características da região. Então, ele enaltece a presença do Museu, e a sensibilidade dos fundadores, Neiva, Neco e família Gruppelli, por terem essa sensibilidade de perceber que, na região, era necessário haver um local para que se preservassem todas as características da região:

Então essa iniciativa do Ricardo, do Neco Tavares, dona Neiva Vieira, a mãe da Margareth Vieira e da própria Margareth também são as pessoas que capitaneiam isso, acabou realizando uma ação de conservação de patrimônio da imigração de um modo inédito na região e que influenciou muito a percepção dessas pessoas da possibilidade né de que esses objetos que elas tinham nas suas casas pudessem ser uma atração para as pessoas virem olhar, para os netos conhecerem tanto para preservar a memória como uma atração turística(CERQUEIRA,2021).

Neste ponto, vemos o importante papel que Neco Tavares, Neiva Vieira e família Gruppelli tiveram, esse olhar museológico para o lugar. Eles viram que naquele espaço era possível ter um museu. Nas três visões do patrimônio, vimos como esses –agentes do patrimônio foram fundamentais para organizar e fundar o Museu Gruppelli.

No segmento da sua fala, ele conta que tem uma grande relevância a credibilidade que a família tem em mobilizar e fazer a comunidade acreditar que os objetos que tinham em casa eram possíveis de ser salvaguardas em um museu que desse mais sentido para eles, e também o aspecto de procurarem a Universidade

para terem uma visão mais técnica, o que até o ano de 2008 não existia.

Entendemos e concordamos com Cerqueira no aspecto de que a credibilidade e a confiança que o público tem na família Gruppelli também é muito importante. Acreditamos que o Museu está no lugar certo, é um ponto de parada, de alimentação, de descanso e lazer. Podemos notar que, na localidade, há uma parada de ônibus, o posto de saúde, a barbearia, o restaurante e o armazém. Ali tudo se encontra, é um local de sociabilidade, de reunião e isso faz com que o Museu seja conhecido e referenciado nessa localidade para guardar e difundir todo esse patrimônio.

No segmento da entrevista, perguntamos sobre como a preservação das tradições na Casa Gruppelli contribui para a valorização dessas ruralidades. Então, ele relaciona que os acervos do Museu Gruppelli estão ligados às características da região e têm uma continuação agora no presente:

As qualidades pretéritas que tem continuidade no modo de vida do presente, seja na relação com a natureza, seja com relação com o espaço da colônia como um todo, com seu próprio terreno onde pomares iniciados pelos avós ainda são cultivadas, onde ferramentas utilizadas à duas ou três gerações seguem sendo utilizadas ou recicladas ou tempo todo lembram delas, tem estruturas nas casas na propriedade que são herdadas e que ainda são utilizadas e as pessoas que vem da cidade é uma ponta de ligação com a ruralidade, é uma coisa para lembrar de um período não muito distante no tempo em que as pessoas tinham uma outra relação com o tempo com a natureza para sua vida e que o ritmo era diferente, em um ritmo que durante muitos anos mudou pouco e repentinamente mudou muito, então essas são percepções assim que o Museu propicia e que de certa forma é um elemento integrador entre diferentes coisas entre uma ruralidade do presente e ruralidades do passado, entre a urbanidade e a ruralidade(CERQUEIRA,2021).

No sítio, encontramos presentes essas características e as pessoas vêm visitar o local. Analisando sua fala, percebemos que o Museu é o lugar que difunde todas essas ruralidades, que mostra o que é importante de ser preservado, tanto na exposição principal quanto nas exposições temporárias já mencionadas anteriormente.

Chegando na última questão, a do patrimônio rural, ele traz a visão de um patrimônio ligado à natureza que dá subsistência para os modos de vida tradicionais:

Agora a gente pode pensar patrimônio rural numa acepção mais lato sensu assim, mais abrangente, mais generosa em pensando um conjunto de uma paisagem que dá amparo à modos de vida tradicionais, que se integram à vida moderna, oferecendo alternativas de qualidade de vida tá e fazem parte dessas paisagens elementos edificados pelo homem, e elementos naturais moldados pelo homem e pela mulher também

evidentemente(CERQUEIRA,2021).

Vemos que Cerqueira também relaciona a natureza aos modos de vida dos moradores rurais, assim como nas outras duas visões de patrimônio disseram-nos que esse patrimônio é um complexo de atividades do trabalhar, o viver, o produzir, tudo está completamente relacionado.Como disse Ribeiro anteriormente, é uma experiência completa.

Cerqueira também acredita que o patrimônio rural está muito ligado ao turismo rural.No pós pandemia, as pessoas procurarão ainda mais locais abertos e com menos pessoas, trazendo lazer e diversão para o público:

Eu entendo que o patrimônio rural é uma das duas bases do que se chama turismo rural. O turismo rural ele está sendo aventado como um setor muito próspero para o turismo no pós epidemia, em que as pessoas vão procurar os lugares mais arejados, com menos concentração de pessoas ta, então ele é a forma, é esse casamento entre turismo cultural e turismo natural, ecológico, de aventura, esse viés da aventura ele é muito importante para Colônia, as cachoeiras e trilhas e tudo mais é muito compatibilizado como uma visão de patrimônio cultural na área rural(CERQUEIRA,2021).

Como já destacado, o turismo rural, também para Cerqueira, está relacionado ao patrimônio rural;o turismo traz o público para a colônia, é uma forma de conhecer e valorizar o patrimônio. Nas idas a cachoeiras, trilhas, campings, acabam se apresentando outras características relacionadas, como gastronomia, hospedagem e lazer, e assim se pode compreender que, ao buscar um ponto de turismo,acaba-se relacionando outras características locais e as identificando como patrimônio rural.

Considerando as três dimensões entrevistadas,público, fundadores e Academia, a partir de suas respostas e do objetivo do trabalho, identificamos o que pode ser considerado patrimônio rural.Buscaremos agora responder algumas perguntas lançadas para essa pesquisa. Tem-se a primeira pergunta: será que o público que visita, os fundadores do Museu e academia compartilham da mesma opinião sobre o que deve ser preservado?

Nas três dimensões do patrimônio, vimos que as características do sítio se compactuam entre si.Foram citados elementos, como Museu, gastronomia, arroio, saber-fazer local, a arquitetura, os produtos e os modos de vida do morador local.Compreendemos que essas vertentes estão interligadas entre si, encontrando-se no mesmo espaço territorial e na questão da natureza, pois é ela que dá a subsistência para o trabalho, para o lazer e a produção agrícola,é nela que estão os produtos, nela se utilizam os objetos expostos no Museu, que saem os alimentos

para o restaurante, nela também que estão os animais e as frutas.

Na questão seguinte, o que essas três dimensões pesquisadas (público, fundadores do Museu e Academia) consideram patrimônio rural? O que eles acham que deve ser importante manter na região? Aqui, vemos que o público considerou uma dimensão só do patrimônio sem fragmentá-la, compreendemos que, para eles, está estabelecido um patrimônio rural como um todo, o Museu, o armazém, o restaurante e o arroio, por exemplo; eles buscam tudo isso junto considerando que a experiência com todos os detalhes deve ser preservada.

Para os fundadores do Museu, o que está estabelecido como patrimônio é um pouco diferente a partir das ideias dos entrevistados. Para Vieira, todas as características que possam ser preservadas o devem ser, principalmente os modos de vida do trabalhador rural e a estreita relação desses modos com a natureza. Já para Gruppelli, ele vê um patrimônio mais distribuído em bens, faz uma separação, como o prédio histórico do Museu, a gastronomia, pomares, cemitério e produção agrícola; ele busca a definição a partir de lugares mais frequentados pelo público, que possuem mais histórico, lugares que têm uma memória coletiva.

Os representantes da Academia buscam, de certa forma, a experiência também como um conjunto de fatores. Ribeiro nos traz o destaque de que o povo que vive na localidade denomina e seleciona o patrimônio antes da Academia, e o Museu gerencia esse patrimônio. Ele destaca que o patrimônio está no modo de viver, se comunicar, trabalhar e produzir, por exemplo, mas considera que o patrimônio rural está em todos os elementos juntos. Para Cerqueira, há uma separação entre material (arquitetura, moinhos, salões de baile, fábricas) e imaterial (vinho, produção de pêssego e doces, saber-fazer local, culinária). Podemos até diferenciar entre eles, mas vemos que isso se completa: o vinho pode ser feito na adega, o baile acontecido no Restaurante Gruppelli, o doce vendido no armazém etc., sinalizando que esse patrimônio se encontra nos modos de vida e no saber-fazer local.

A partir destas percepções, é possível considerar o patrimônio rural como o conjunto de bens e atividades de caráter material e imaterial, o qual reflete os modos de vida do morador rural que se encontram estabelecidos em conexão com a natureza.

Considerações finais

Durante essa pesquisa, observamos alguns pontos a serem destacados, primeiramente os termos tradição, costumes, modo de vida e trabalho rural foram os mais utilizados para conseguirmos identificar as características da região. Para essa identificação, traçamos um paralelo entre patrimônio e sua trajetória e conseguimos ver o que seria patrimônio aqui no Brasil. Nesse ponto, vimos a importância de preservar o patrimônio imaterial e material e suas diferenças.

No capítulo em que investigamos sobre o que seria patrimônio rural, descobrimos que as ruralidades são as características dos modos de quem vive no mundo rural, ou seja o rural é o local e as ruralidades são as atividades e os modos de quem vive ou trabalho no meio. A partir de entrevistas com três públicos distintos – visitantes do Grupelli, fundadores do espaço e representantes da Academia –, foi possível perceber o olhar em relação ao patrimônio rural e a função que esse patrimônio estabelece com cada sujeito.

Para a realização dessa pesquisa tivemos que adaptar o trabalho devido à pandemia de Covid-19. Inicialmente projetamos entrevistar mais pessoas em relação à visão do patrimônio rural pelo público, de forma presencial, dentro do cenário do estudo de caso dessa pesquisa, a Casa Gruppelli.

Acreditamos que os sujeitos inseridos no local, no momento da entrevista, conseguiriam responder ainda mais objetivamente o que era importante de ser preservado naquele espaço, bem como as características da localidade que podem ser considerados patrimônio rural pelo público.

Nas visões dos fundadores e da academia esse efeito da pandemia na pesquisa foi menor, pois estão mais inseridos no espaço tanto por pesquisarem sobre a localidade ou mesmo por morarem na região, como é o caso de Ricardo Gruppelli.

Com essa pesquisa trouxemos resultados para o objetivo de identificar o que seria esse patrimônio rural partindo de um prisma multivocal, o que instigou que novas dúvidas surgissem. Como mencionado anteriormente as ruralidades dependem do contexto da

localidade que for analisada, cada região tem suas características únicas de viver, trabalhar e produzir.

Para uma continuação dessa pesquisa no futuro podemos investigar essa ruralidade colonial da região do sétimo distrito de Pelotas, podemos investigar também essa ruralidade em outras regiões como é o caso da Vila Maciel, distrito próximo a Casa Gruppelli. Nessa parte além de colaborarmos com o desenvolvimento da pesquisa no local estudado, expandiríamos nossos estudos para outras localidades contribuindo ainda mais na investigação do patrimônio rural e essas ruralidades características da região colonial de Pelotas.

O tema do patrimônio rural está em desenvolvimento no Brasil, que esse trabalho seja parte contribuinte para o crescimento da noção de patrimônio rural em nosso país, colaborando também com as pesquisas de outras pessoas com esse referido tema.

Referências

ALVES, João Emílio. Sobre o —Património rura: contributos para a clarificação de um conceito, **Cidades** – Comunidades e Territórios, v. 8, p. 35-52, 2004.

BOTELHO, Isaura. A política cultural e o plano das ideias. In: **ENCONTRO DE ESTUDOS MULTIDISCIPLINARES EM CULTURA**, 2007, Salvador. *Anais...* Salvador, 2007. Disponível em: <www.cult.ufba.br/enecult2007/IsauraBotelho.pdf>. Acesso em: 30 jun. 2014.

BRAHM, J. P. S., Ribeiro, D. L., & Tavares, D. K. (2016). Memória e identidade: a musealidade no Museu Gruppelli, Pelotas/RS. **RELACult - Revista Latino-Americana De Estudos Em Cultura E Sociedade**, 2(4), 685–705. <https://doi.org/10.23899/relacult.v2i4.270>

BRASIL. Constituição Federal. Seção II, Artigo 216, caput, incisos, parágrafos. Brasília/DF, 1988.

BRASIL. Decreto Presidencial n.º 3551, agosto de 2000.

CARVALHO, P. —El Patrimonio y el Paisaje Rural en la (Re)construcción de las Memorias e Identidades. Reflexión entorno de algunas iniciativas e propuestas ecomuseológicas en la Cordillera Central Portuguesa. **Actas del XI Coloquio de Geografía Rural (Los espacios rurales entre el hoy y el mañana)**, Santander, Universidad de Cantabria, Servicio de Publicaciones, 2002. pp. 89-100.

CARVALHO, P. —Património Cultural e Iniciativas de Desenvolvimento Local no Espaço Rural. In CAETANO, L. (coord.). **Território, do Global ao Local e Trajetórias de Desenvolvimento**. Coimbra, Centro de Estudos Geográficos, 2003. pp. 199-227.

CARVALHO, P. —Turismo cultural, património e políticas públicas em contextos rurais de baixa densidade: eixos vertebradores de revitalização e de construção de novas identidades? II. In SANTOS, G. (org.). **Turismo Cultural, Territórios e Identidades**. Lisboa, Edições Afrontamento e Instituto Politécnico de Leiria, 2010. pp. 123-140.

CARVALHO, P. —A AIBT do Pinhal Interior e as Aldeias do Xisto: novos caminhos para o desenvolvimento de territórios de baixa densidade em ambientes de montanha. **Cadernos de Geografia**, Coimbra, Departamento de Geografia (Universidade de Coimbra) e Centro de Estudos de Geografia e Ordenamento do Território, n. 28/29, 2009/2010. pp. 185-191.

CERQUEIRA, Fábio Vergara.
Entrevista realizada on-line.
Pelotas, 17 mai, 2021.

CHAGAS, Mário de Souza. Em busca do documento perdido: A problemática da construção teórica na área da documentação. **Cadernos de Sociomuseologia**, n. 2, 1994.

CHIVA, I. —Le patrimoine rural. In NORA, P. (dir.) **Science et Conscience du Patrimoine. Actes des Entretiens du Patrimoine**, Éditions du Patrimoine, 1997. pp. 226-231.

CLAVAL, P. —Changing conceptions of heritage and landscapell.In MOORE, N.; WHELAN, Y. (eds.). **Heritage, Memory and the Politics of Identity**. *New Perspectives on the Cultural Landscape*. Aldershot, Ashgate, 2011.

CORÁ, Maria Amelia J. **Políticas públicas culturais no Brasil: dos patrimônios materiais aos imateriais**. Rev. Adm. Pública, Rio de Janeiro, v. 48, n. 5, p. 1093-1112, set./out. 2014.

COSTA, António Firmino. **Sociedade de Bairro**, Dinâmicas sociais da identidade cultural, Oeiras, Celta Editora, 1999.

DURÁN, Francisco E. —Viejas y nuevas imágenes sociales de ruralidadll. In: **Estudios Sociedade e Agricultura**, Rio de Janeiro: UFRRJ/CPDA, n. 11, p. 76-98, out. 1998.

DURAN, Francisco E. Viejas y nuevas imágenes sociales de ruralidad. **Estudios Sociedade e Agricultura**, n. 11, outubro 1998.p. 76-98.

FALCÃO, Joaquim A. Política cultural e democracia: a preservação do patrimônio histórico e artístico nacional. In: MICELI, Sergio (Org.). **Estado e cultura no Brasil São Paulo**: Difel, 1984. p. 24-55.

FARIA, A. M. B. (2010), —Sistema de custos como ferramenta de gestão para o setor público

FERREIRA, Maria Leticia Mazzucchi; GASTAUD Carla Rodrigues; RIBEIRO, Diego Lemos. Memória e emoção patrimonial: objetos e vozes num museu rural. In **Revista Eletrônica do Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio – PPG-PMUS Unirio | MAST**, v. 6, n. 1, 2013.

FONSECA, Cecília Londres. **O patrimônio em processo**: trajetória da política federal de preservação no Brasil. Rio de Janeiro: UFRJ;IPHAN, 1997.

FONSECA, Cecília Londres. —Os inventários nas políticas de patrimônio imaterialll. In FONSECA, Cecília Londres. **Celebrações e Saberes da Cultura Popular: pesquisa, inventário, crítica, perspectivas. Série Encontros e estudos**, n.5. Rio de Janeiro: Funarte; CNFCP, 2004.

FONSECA, Cecília Londres. —Para além da ‘pedra e cal’: por uma concepção ampla de patrimônio. In FONSECA, Cecília Londres. **Tempo Brasileiro: Patrimônio Imaterial**, Out-Dez, n. 147. Rio de Janeiro, 2001.

FOUREZ, Gerard. **A construção das ciências**: introdução à filosofia e à ética das ciências. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1995.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projeto de pesquisa**. 3. ed. São Paulo: Atlas, 1995.

GRUPPELLI, Paulo Ricardo.
Entrevista realizada on-line.
Pelotas, 15 mai, 2021

GONÇALVES, José Reginaldo Santos. O patrimônio como categoria de pensamento. In: ABREU, Regina; CHAGAS, Mario (Org.). **Memória e patrimônio: ensaios contemporâneos**. Rio de Janeiro: DP&A: Faperj: Unirio, 2003b. p. 21-29.

LEADER MAGAZINE, Revista **Trimestral do Programa Europeu LEADER II**, nºs 8,13, 17,22.

LEITE, Rogério P. *Contra-usos da cidade* Lugares e espaços públicos na experiência urbana contemporânea. Campinas: Unicamp, 2007.

MACIEL, L.L. Trabalho e lazer: os espaços de sociabilidade relacionados com ambientes fabris da região da colônia de Pelotas (1950-1970). In: **SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE MEMÓRIA E PATRIMÔNIO**, 5, 2011, Pelotas. Anais...Pelotas: Editora da UFPel, 2011. p. 738-743.

MENESES, Ulpiano. Memória e cultura material: documentos pessoais no espaço público. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 11, n. 21, p. 89-104, 1998

MICOUD, André (1995), —Le BienCommundesPatrimoinesII.In ÉCOLE NATIONALDU PATRIMOINE, **PatrimoineCultuel, PatrimoineNaturel**, Paris: La DocumentationFrançaise, 25-38.

POMIAN, Krzysztof. Coleção. In: **Enciclopédia Einaudi**. Porto: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1984. p. 51-86.

RIBEIRO, Diego Lemos.
Entrevista realizada on-line.
Pelotas, 17 mai, 2021.

ROCHE, Jean (1969). A colonização alemã e o Rio Grande do Sul. Porto Alegre: Globo.

SCHNEIDER, Maurício; MACHADO, Carmen Janaína Batista; MENASCHE, Renata. A comida na colônia e as percepções do rural: notas de pesquisa. In: **COLOQUIO IBÉRICO DE ESTUDIOS RURALES**, 8. 2010. Anais eletrônicos... Cáceres (Espanha), 2010.

SIQUEIRA, Deise e OSÓRIO, Rafael. O conceito de Rural. In: **Una nuevaruralidaden América Latina?** Barcelona: 1999.

TOGNON, M. (org.) Patrimônio Cultural Rural Paulista: Espaço privilegiado para

pesquisa, educação e turismo. Campinas,2012. Disponível em:
<https://www.iau.usp.br/sspa/arquivos/pdfs/papers/06501.pdf>. Acessado em 16 de maio de 2020.

TORNATORE, Jean-Louis. Patrimônio, memória, tradição, etc: discussão de algumas situações francesas da relação com o passado. *Memória em Rede*, Pelotas, v.1, n.1, p. 7-21, jan/jul 2009.

VÁRIOS. **Patrimônio Cultural Rural Paulista – Relatório 1**. São Paulo: Fapesp, 2009.

VIEIRA, Margareth Acosta. Uma rua chamada Gruppelli: memórias reveladas pela fotografia. Dissertação de Mestrado em Memória Social e Patrimônio Cultural. Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2009.

VIEIRA, Margareth Acosta.
Entrevista realizada on-line.
Pelotas, 16 mai, 2021.

WANDERLEY, M. N. B. (2001). A Ruralidade no Brasil Moderno. Por un pacto social 431pelo desenvolvimento rural. In N. Giarracca (Org.), *¿Una Nueva Ruralidad en América Latina?*(pp. 31-44). Buenos Aires: CLACSO.

Apêndices

Apêndice 1:

Questionário para entrevista com representantes da Academia:

- 1- Como foram seus primeiros movimentos como professores da UFPel na colônia de Pelotas?
- 2- Como foi o processo de percepção da potencialidade cultural que havia na região?
- 3- Qual a importância que você observa que o Museu tem para a percepção do que deve ser preservado na região?
- 4- O que você considera patrimônio rural a partir de uma visão acadêmica?
- 5- De que forma a preservação das tradições na Casa Gruppelli (culinária, música, artesanato, museu) contribuiu para a valorização dessas ruralidades na região?

Apêndice 2:

Entrevista com Diego Lemos Ribeiro

1-Como foram seus primeiros movimentos na colônia e Pelotas como docente da UFPel? O que motivou a realização desse trabalho?

O meu envolvimento com o Museu começou em 2008, foi o ano que eu cheguei em Pelotas, concursado, para ocupar o cargo de professor no curso de Museologia, e eu não sei te precisar o mês, mas me chamaram a atenção para esse projeto na colônia. Eu não conhecia a colônia, não conhecia nada na região e quem fez essa primeira intermediação foi a professora Letícia Mazzuchi em contato comigo. Nós então fomos ao museu e lá tive a oportunidade de conhecer a colônia e o próprio museu. Eu nunca tinha trabalhado com um museu dessa natureza, que tivesse coisas do dia-a-dia, do cotidiano...Então, o que eu posso te dizer que...Primeiro, foi um estranhamento muito grande ver aquele monte de coisas naquele espaço, mas o estranhamento não era em relação aos objetos, ao cenário, ao sítio e nem ao museu em si, o estranhamento era com tudo isso junto em si...Eu nunca estive na zona rural nem no Rio e nem aqui, mas, ao mesmo tempo, aquilo me deu um ânimo muito grande porque era um novo desafio, uma nova realidade que eu enfrentava...Porque até então meu contato era muito com museus ortodoxos, museus mais tradicionais e aquele museu me despertou algo muito interessante.

Uma experiência análoga que eu tive mais próxima com essa experiência aqui na colônia é o Museu de Arqueologia de Itaipu/RJ, que é inserido em uma comunidade pesqueira. Embora o acervo seja bem diferente, eu já tinha uma noção de um trabalho junto com aquele entorno, então foi assim que eu conheci a família e a dona Neiva Vieira...Ela era uma grande agente do Museu, uma pessoa muito entusiasmada com o museu; foi uma das precursoras do museu junto com o Neco Tavares e eu tive uma conversa muito simbólica com ela, logo que eu cheguei lá ela nunca havia me conhecido e ela falou: —Você então que é o Museólogo, vamos encarar o Museu?!, e eu respondi que –sim!. E, desde então, eu nunca mais saí do museu, voltei pra cidade, confeccionei um projeto de extensão e aí eu já comecei a entrar em contato com o professor Fábio e fiz esse projeto e, a partir de então, eu

nunca mais saí de lá.

O que me motivou não foi uma motivação minha pro museu, foi uma motivação do que considero da comunidade para a ciência que no caso era eu. O professor Fábio já tinha feito uma inserção lá, já conhecia muito bem, só que me parece que estava faltando mais museólogos, porque eu e o Daniel fomos os primeiros contratados do curso de museologia aqui em Pelotas...Então, essa foi uma demanda que chegou até a mim; então foi uma motivação da comunidade pra Academia e eu entendi.

2- Na sua percepção quais são as potencialidades patrimoniais da região que você atua especificamente no sétimo distrito de Pelotas?

Eu vejo muitíssimas potencialidades, uma delas é o fato daqueles objetos terem uma dimensão simbólica muito acentuada. Algumas pessoas podem argumentar que, no geral, os objetos têm uma dimensão simbólica, e não estariam erradas, mas a questão é que os sujeitos viveram com aqueles objetos; elas não tão somente usaram em algum momento; eram como instrumentos, extensões desses sujeitos, prolongamentos desses sujeitos...Então, aqueles objetos não estão destacados da própria paisagem, do próprio território que eles vivem...Então aquilo fala com o íntimo dos sujeitos e eu acho que isso é uma tremenda potência. Enquanto muitos museus tratam de objetos distantes dos sujeitos de outros tempos, outros lugares, aqueles objetos que estão no galpão ou no museu traduzem um modo de vida muito particular, muito singular da colônia e eu acho que isso é uma tremenda potência. Por intermédio desses objetos, você pode falar sobre modos de viver, modos de morrer, modos de trabalhar, sobre economia, sobre todas as dimensões sociais e dos próprios sujeitos e eu acho que isso é lindíssimo.

3- Em sua visão, qual o papel que o Museu Gruppelli assume das referências culturais da região?

Eu acho que o Gruppelli assume o papel de guardar essas referências patrimoniais, mas muito mais do que guardar, fazer expandir, divulgar, fazer circular esses modos de vida muito particulares daquela região. Enquanto muitos museus apenas retêm os objetos, o grande barato do Museu Gruppelli, no meu entendimento, é que ele faz esses simbolismos e esses modos de vida ganharem uma dimensão pública e eu acho que isso é importantíssimo e quem fala isso não sou somente eu, quem fala isso são os próprios sujeitos que vivem naquele lugar.

Muitas vezes, eles falam e, se for ler o livro de sugestões, você vai encontrar diversas manifestações nesse mesmo sentido, o agradecimento ao museu por preservarem a vida daquela localidade...Isso é muito lindo, basta você ver o livro de sugestões; eu estou reproduzindo o que eu escuto.

4- De que forma as tradições na Casa Gruppelli(culinária, música, artesanato, Museu) contribuem para a valorização dessas ruralidades na região?

Quando a gente fala de patrimônio, é muito comum as pessoas dividirem o patrimônio em fatias, é o patrimônio industrial, culinário, material, imaterial. Isso é um ponto de vista que eu entendo, você divide para entender, pra compreender essas dimensões do patrimônio...Por outro lado, eu acredito que o patrimônio cultural é o emaranhado dessas várias dimensões.Então, quando a gente fala que o museu preserva modos e vida a gente tá falando em culinária, de economia, de indústria, de recessão, do rio que inunda, do turismo, da cuca, do armazém, então eu acho que o mais bacana de pensar esse patrimônio rural não é por suas tipologias, mas pensar esse patrimônio a partir desse emaranhado, dessas interlocuções entre essas várias dimensões e isso o museu consegue fazer.

Para ser mais claro e específico no que eu tô falando, no meu entendimento, quando o sujeito vai até o sítio, até lá o Gruppelli, ele não busca só ver artefatos, árvores, pássaros, ele não quer só molhar o pé no arroio, ele quer isso tudo junto, ele quer a experiência, e a experiência inclui estar no lugar, o comer a comida com uma receita antiga, o ir no armazém comprar alguma coisa, ir ao museu...Se tiver tendo jogo de futebol dá uma olhada lá, vê os bichos, isso tudo emaranhado, isso tudo interligado que é o próprio patrimônio no meu ponto de vista.

5- O que você considera patrimônio rural a partir de uma visão acadêmica?

De certa forma, eu já respondi essa questão.O patrimônio rural é a intercessão dessas várias dimensões possíveis, dos modos de vida que evoluem a própria paisagem,os sujeitos que moram lá, os cheiros, os sabores, a cozinha, a fumaça que sai de cima da casa, o próprio museu. Eu considero patrimônio rural justamente todos esses elementos juntos.

Mas tem outra questão que eu queria sinalizar, que é uma visão posterior, à visão nativa de patrimônio...E o que eu quero dizer com isso?Quando a Academia chegou lá com uma equipe,eles[os moradores] já tinham selecionado esses bens patrimoniais, esses bens não foram selecionados pela ciência, pela academia e nem

por um órgão do governo. Esse patrimônio foi circunscrito, nomeado através de uma visão nativa de patrimônio, ou seja, eles elencaram aquilo que deveria permanecer a longo prazo, nós apenas organizamos e sintetizamos tecnicamente essa visão de patrimônio que era anterior, que era da própria comunidade...Isso é importantíssimo pra pensar patrimônio.

Apêndice 3:

Entrevista com Fábio Vergara Cerqueira

Não pensávamos, mas sabíamos que a comunidade queria e era um desejo que ia se canalizando para cima da gente.

Nesse momento, a partir dessa conversa, nós delineamos um projeto de pesquisa sobre a memória da presença italiana na região, que havia iniciado com a ideia de ser um projeto de história oral, na qual eu orientava então a Luciana. Já neste primeiro contato, nós ficamos sabendo do desejo da comunidade ali da Maciel de ter um museu da presença italiana, e já ficamos sabendo do desejo que esse museu fosse instalado naquele prédio onde funcionou por 12 anos.

Isso tudo resultou no TCC da Luciana Peixoto, que acaba dando a base do que veio a ser o Museu depois em termos de metodologia de trabalho, com essas quatro fontes: a fonte escrita, a fonte oral, a fonte iconográfica e a fonte material, mas trabalho em que a fonte escrita acabava tendo menos importância do que as outras três.

Então, nós iniciamos um contato com a Sociedade Italiana Pelotense, que fica ali na rua da Santa Casa e, na época, o presidente era o seu Tomaz Luccia. E, em razão desse contato, ele nos falou um pouco sobre essa presença italiana na cidade e na zona rural e daí nós bolamos uma visita à Vila Maciel, que acabou acontecendo na companhia do presidente da cidade italiana e aí tivemos o contato inicial lá na colônia com o padre Capone. E já na ocasião, foram apresentadas algumas pessoas ali da localidade, uma delas a Loeci, que era professora da escola Garibaldi e filha do seu João Casarin.

Quando nós iniciamos o processo de pesquisa com visita às famílias da região, aplicando inicialmente como projeto de história oral, paralelamente se dimensionou a importância do material fotográfico e de objetos. Então, no fluxo da pesquisa, a gente redimensionou o projeto e incorporou, além dos testemunhos orais, o recolhimento de testemunhos iconográficos de fotografias antigas em preto e branco e o registro de objetos. Não pensávamos em museu nesse momento.

No ano de 2003, quando no Rio Grande do Sul estava o primeiro ano do governo Germano Rigotto fazendo uma adaptação do que era no governo anterior do Olívio Dutra do orçamento participativo ele, cria uma consulta popular e, nesta ocasião, nós fomos procurados pela produtora cultural Beatriz Araújo, que hoje é secretária de cultura do estado, nos motivando a apresentar uma proposta de museu. E foi tudo muito rápido: nos sentamos em frente ao computador eu e a Luciana e em algumas horas nós bolamos uma proposta de museu, sem, na verdade, naquela época, em Pelotas, ainda não se tinha uma cultura e uma visão técnica museográfica mais desenvolvida. Acaba que essa proposta é aprovada de uma forma muito bonita porque houve uma mobilização muito grande, foram vários ônibus da Colônia para votar em assembleia e foi na cidade, no auditório da UCPel e teve um excelente resultado.

Nós, então, a partir do início dessa pesquisa, acabamos bolando uma primeira experiência museográfica com uma exposição lá no ICH, realizada em 2001. Essa exposição tinha fotografias e trechos de história oral e uma síntese da história da colônia, um pouco desse processo de colonização e um outro objeto que ainda eram pertencentes às famílias que foram emprestados só para essa finalidade, sendo todos devolvidos.

Sobre a primeira questão, Maurício, então... Apesar de trabalhar e morar em Pelotas desde 1991, eu só vim a conhecer o que a gente chama de colônia de Pelotas ali por 1999/2000, isso motivado por um projeto que eu e a Luciana Peixoto tínhamos iniciado que era de pesquisa sobre a presença da imigração italiana na região. O contexto disso foi que, ali no 2000, quando houve a comemoração dos 500 anos da Descoberta do Brasil aqui em Pelotas, houve todo um movimento no sentido do Pelotas-Lusa, com um certo ocultamento da diversidade cultural da cidade muito focado nessa questão de portugueses... E eu achei –mas não é assim! as coisas super diversificadas e, como não tinha condições de dar conta de toda essa diversidade, acabou nos chamando a atenção que, em um momento não tinha me chamado exatamente porque não se divulgava, a existência de uma descendência forte de imigração alemã, italiana, francesa, a qual eu via muito mais na minha lista de chamada como professor do que propriamente por ter visibilidade, porque não tinha.

E assim então se dá o início do Museu da Maciel... Quanto à motivação, é um desejo de pesquisa que se encontrou com uma comunidade que queria um

museu.No processo desenvolver da pesquisa, a gente percebeu o potencial museológico, sem ainda termos uma visão mais técnica do processo de musealização dessas coleções...E o projeto foi aprovado.Aí, tinha uns desafios; nós vamos atrás de nos qualificarmos, o pessoal da equipe fez cursos, eu cadastrei projeto e o projeto ganhou bolsas. Bem, foi um processo muito demorado até que realmente se pudesse contar com um recurso...

Realmente demora um certo tempo burocraticamente falando,mas, enquanto isso, a gente avançava a pesquisa...Aí, entramos numa nova fase da pesquisa, diferente daquela fase inicial, mas, como a metodologia de pesquisa já estava definida, e aí a gente saltou para visitação em termos de história oral de mais de 30 lares, e em torno de 50 lares considerando famílias que nos doaram fotografias,objetos, testemunhos, fazendo apoio ao museu...E aí, em função dos cursos que, na época, o sistema estadual de museus oferecia, a gente conseguiu qualificar um grupo para fazer todo o trabalho inicial de documentação,que foi feito antes do museu propriamente existir.

Maurício, então a minha atuação na colônia ela se deu principalmente nos dois distritos: o sétimo e o oitavo, eu não separo muito os dois, acho muito parecidos assim e um pouco também pelo viés do projeto do doce da zona de colônia de Morro Redondo, que é o Santo Amor e o Açoita Cavallo. Essas duas localidades aí, por causa da questão dos doces,tá...Mas então vamos tentar focar no sétimo distrito que envolve diferentes localidades, mas voltando para que eu a vejo muito entrelaçado com o oitavo distrito assim pelas características históricas.

Eu acho que nós podemos pensar do ponto de vista de natural, dos atrativos naturais, do ponto de vista, vamos dizer assim, histórico cultural, quer dizer, o patrimônio que envolve manifestações ligadas à história sobre diferentes aspectos, um deles a questão da imigração, que envolve presença de origem francesa, teuta, de origem alemã-pomerana e de origem italiana. De outro lado, nós temos a historicidade propriamente de terem ocorrido quilombos nesta região, que, inclusive, dá nome ao sétimo distrito, apesar que o cerro knongongo que, por exemplo, fica no oitavo distrito...Por isso que eu estou dizendo que elas são são interligadas; é pouco difícil separar. Então se pode deixar de considerar a importância também da questão indígena, então os Três Cerros, se não me engana, fica dentro do sétimo distrito, uma questão a ser confirmado se é no 7º ou no outro, na Santa Silvana...

Então, de qualquer modo, a questão indígena é uma questão que está presente em geral, em alguns distritos mais, em outros menos. Na Maciel, ela está inclusive presente sob a forma do morro Farroupilha, que é uma reserva municipal do ponto de vista natural, mas que, para os índios Guarani, ele é um local sagrado, tanto que há índios que moram lá, de etnia Guarani, o que fica presença no presente, remetendo a essa questão dos índios Tapes, que ocupariam essa região.

Então, o trabalho no mestrado do Rafael tem todo uma identificação desse mapa e do papel que tinham esses índios da região da Serra com relação aos índios que habitavam a costa da Lagoa dos Patos. Na verdade, é todo um território com funcionalidades diferentes, o morar na serra ou morar na costa, mas que essa mesma etnia ocupava esses territórios...Então aí o que eu digo esse histórico cultural porque há presenças patrimoniais de variadas ordens.

Então, isso deixa seus vestígios no patrimônio material móvel e imóvel e no patrimônio imaterial. No patrimônio material imóvel é todo um conjunto de construções mantidas mais próximas das formas originais ou recicladas, integrado a novas construções ao longo das décadas, que compõem de forma entrelaçada aos elementos da natureza. É essa paisagem cultural da imigração em que a gente... inclusive por certos elementos... a gente consegue diferenciar onde se tem uma presença teuta maior ou uma presença de origem italiana maior ou francesa. Há alguns resquícios das formas arquitetônicas que falam disso e todas essas edificações também não habitacionais que têm a ver com as atividades econômicas compõem então esse aspecto material.

A cultura material móvel que são os objetos tridimensionais como se diz, na Museologia, nos acervos tridimensionais, eles são de riqueza muito grande alguns estão musealizados por ação espontânea das famílias, outros se conservam na integrados ao cotidiano guardados em galpões, né, às vezes até perdidos no meio do mato, como a gente encontrou alguns objetos e, enfim, materiais móveis, como estão em cota positiva... Porque existe também a cultura material móvel arqueológica em cota negativa, que é uma potencialidade, uma arqueologia da imigração; é uma coisa ainda pouco desenvolvido que é um potencial que você tem.

Então, olhando especificamente para o 7º distrito, a gente pode falar de prédios relativos ao ciclo vinícola, que é do fim do XIX primeira metade do século XX. Nós temos como ali, na colônia francesa ou no Gruppelli, as duas poderia

considerar principais as estruturas de viníferas e lá, no Gruppelli, aquela grande vinícola...Não sei se tu tivesse oportunidade de visitar, o Gruppelli não, queria dizer lá na colônia francesa é bem no distrito, na localidade e depois uma quantidade expressiva de remanescentes arquitetônicos do ciclo da economia conserveira, alguns galpões de fábrica ainda, chaminés conservadas e muitos desses prédios...E isso aí orientei o TCC da Luísa Lacerda Maciel...Em certas ocasiões, ou mesmo durante o ciclo conserveiro dele, após ele ou antes, eles também tiveram função de divertimento de lazer, como salão de baile...Então, tem TCC sobre a memória disso aí também...Tem um salão de baile que é um pouquinho antes de chegar na colônia francesa e meio de Monte Bonito, deve conhecer esse caminho aí bem direitinho.

Então, isso também faz parte dessa paisagem que mistura elementos edificadas e naturais. E um olhar para os moinhos também falta um pouco, né...Um moinho muito gracinha quem vem da Maciel, um pouquinho antes de chegar no Camelato, e que merecia um olhar mais atento lugar muito muito interessante nesse sentido. As escolas também são uma coisa importante na medida em que é um conjunto de prédios que ficaram ativos de escolas rurais, na década de 70...Houve uma mudança com relação a isso que estimulou aglutinação de pequenas escolinhas rurais...Daí que a Escola da Maciel, Garibaldi, escola grande, e muitos desses prédios, ao serem desativados foram emprestados ou dados a outros usos, mas eles têm características arquitetônicas que merecem ser guardadas. independente de quem habitar no prédio, a pessoa pode ter a delicadeza de manter essas características, pode ter essa gentileza. Um exemplo legal disso é o Museu da Colônia Francesa, e o Museu da Maciel um outro exemplo, que infelizmente teve problema de desabamento do telhado.

Depois, quando a gente entra então para o patrimônio imaterial, a gente pode destacar a questão da produção do vinho...Também tem algumas pesquisas já realizadas nessa produção do vinho, mas sempre tem mais o que fazer, que fica no meio caminho entre algumas gerações que gostam da ideia de manter um modo tradicional de fazer o vinho, que entendem por ser tradicional, e ação de órgãos, como EMBRAPA e setores assim da Agronomia da Universidade, que têm uma visão mais técnica e tecnológica do desenvolvimento do vinho. Então, eu vejo a necessidade do diálogo entre o setor com olhar mais tecnológico e um setor com olhar mais cultural para pensar em formas intermediárias, assim, que, ao mesmo

tempo, contemple as necessidades de desenvolvimento dessa indústria do vinho e resguardar características de patrimônio cultural que são de outro lado um atrativo muito importante.

Depois do vinho, a questão do doce, que tá mais pronunciada indubitavelmente ali na Vila Nova, pela presença da atividade ainda da fábrica do Crochemore. O avô, o pai... E com a fábrica de doce mais em cima e a outra mais embaixo e habilitada que é a antiga fábrica do Nestor Crochemore, que dá nome à escola, que é irmão do que é vivo ainda, o Nelson... Mas isso se espalha por toda a região colonial de modos diferentes. Quando a gente fala no inventário dos doces que acaba se referindo mais aos doces produzidos ali no interior de Morro Redondo, nessa região do Santo Amor, que é lindeira de Morro Redondo/ Pelotas, só no sentido das passas de pêssego, marmelada branca, esses doces.

Mas o uso do tacho de cobre, a doçaria à base de frutas são características de todas as zonas da imigração. Então, ele tá presente e, na zona que tem o alemão mais presente, tem uma tradição doceira que não foi valorizada no inventário, nós acabamos até valorizando na exposição que a gente fez no Museu do Doce no ano retrasado, já tem dois anos que é a questão da doce a partir das farinhas. Então, toda questão dos biscoitos – e aí entra as cucas e tudo mais – é um viés de tradição doceira que também merece a valorização.

Respondendo uma outra questão aí, que tá ligada à questão gastronômica, o Gruppelli, agora quando a gente fala nisso, a gente também fala na questão dos pomares... Então, depois do momento que tiveram uma certa queda por causa daquela questão do pêssego grego e tudo mais, no fim dos 90 em diante, houve uma retomada dos pomares de pêssego que nunca voltou a ser o que era, até em virada de 70 pro 80, até antes de chegar na metade de 80, que aconteceu a grande crise, tá, e aí aquela substituição pelo tabaco, aquela coisa toda.

Mas, de qualquer forma, os pomares têm a ver com a história da colônia desde cedo... E então é muito legal assim de pensar o potencial turístico, essa questão de visitação dos pomares, que são partes do patrimônio cultural ao nosso olhar, né. Eu entendo que o Museu Gruppelli tem um protagonismo/vanguardismo, é aquele que dá início, foi ele que começou, tudo inicia com o Museu Gruppelli e é uma iniciativa que não se deu, assim, nenhum sentido de ser da Universidade ou da Prefeitura, também não, assim, um movimento comunitário propriamente... Foi uma

iniciativa de visionários, de pessoas visionárias muito sensíveis, pessoas com sensibilidade muito grande que perceberam o grande valor que aquela região da colônia tinha como uma presença de um elemento muito forte, de uma beleza muito forte, vinculando elementos naturais e elementos históricos nas formas edificadas, na integração entre prédios antigos e ruínas e paisagem. Então, acho que o Museu Gruppelli, eu tô pensando nessa fase inicial, nos primeiros dez anos, ele foi fundado em 98, então a fase 98/2008, ele realmente precisa ser muito enaltecido, porque foi o primeiro e tem essa característica de pessoas visionárias idealistas e sonhadoras, em um bom sentido, sonharam um belo sonho e eu acho que elegeram todo um efeito em cadeia, porque, assim, a primeira vez que eu ouvi falar da colônia, assim, com um pouco mais de atenção, foi conversando com um amigo meu que é o fotógrafo Neco Tavares...Aí acabou me mostrando fotografias feitas aí no próprio Gruppelli, que estava morando um tempo aí, envolvido na organização do museu e fotografias de outros lugares, como o Templo das Águas, que eu fiquei maravilhado...Aí, depois de 1 ou 2 anos depois, veio aquela série da Globo da Casa das Sete Mulheres que filmaram aquela cena de amor entre a Manuela e o Garibaldi, aconteceram no celeiro, no próprio moinho que veio incendiado depois, pouco depois.

Então essa iniciativa do Ricardo, do Neco Tavares, dona Neiva Vieira, a mãe da Margarete Vieira, e da própria Margarete...Também são as pessoas que capitaneiam isso...Acabou realizando uma ação de conservação de patrimônio da imigração de um modo inédito na região e que influenciou muito a percepção dessas pessoas da possibilidade, né, de que esses objetos que elas tinham nas suas casas pudessem ser uma atração para as pessoas virem olhar, para os netos conhecerem, tanto para preservar a memória como uma atração turística.

E a informação que eu tive, na Maciel, é que a primeira iniciativa deles para criar um museu foi do ano de 94...Até seria um pouquinho antes, mas acabou não resultando...Teve um jantar que eles fizeram lá para arrecadar fundos em uma conta e tudo mais, e chegaram a conversar com Prefeito Irajá, chegou até uma matéria do Diário Popular, o que mostra que a década de 90 foi...A gente sabe que até 90, internacionalmente a técnica da Minnie retrô... Bia tem uma mini metropia...Chegou na colônia de Pelotas e ela é um impulsionador antes da nossa chegada.

Mas o modo como o Ricardo mobilizou...Eu não sei se mobilizar é a palavra

certa. Sim, porque é, assim, a rede de relações a partir dali do armazém, a credibilidade da família na região, na localidade, a conversa do Ricardo fundamental, isso fez com que as pessoas fossem e o Ricardo, exatamente encantado, ao mesmo tempo pela paixão que o Neco Tavares traduzia pelas fotos que ele produzia, tudo mais, né, quando uma criatividade sem fim e uma supersensibilidade... E a dona Neiva apoiando... Por esse conjunto, isso impulsionou naquela região ali, partindo dali uma visão de que se usa que o Museu era legal, que o museu era possível, entre as coisas velhas que você tinha no galpão poderiam ter um outro uso, em vez de serem vendidos ou colocadas fora ou transformados em objetos.

Então, eu acho que o Gruppelli tem um papel importantíssimo e, depois, assim, a iniciativa que o Gruppelli teve em se abrir pra Universidade, procurar a Universidade, mostrou, assim, ao mesmo tempo a consciência de que aquela fase inicial seria interessante avançar para uma etapa em que eles passaram... Aquele também tem uma abordagem mais técnica do museu... Não foi assim, ninguém chegou lá e disse que tinha que ser assim, foi uma iniciativa deles. Dois anos antes, em 2006, começou a funcionar o museu da Maciel e o museu da Maciel contou com apoio do Gruppelli e, então, isso acabou influenciando eles dessa percepção... A partir de 2007, a gente começou a dialogar e tudo... Aí, 2008, começou o Curso de Museologia e aí foi ocasião que, bem, o Diego foi para assumir o trabalho ali... 2008 se iniciou nova fase, né, com a cooperação da UFPel... Então, ao mesmo tempo, é um lugar que tem um restaurante, tem condições de sustentabilidade para o Museu, que ajudam, que interagem, que, acho... que acabou a soma do Gruppelli e da Maciel influenciou a Colônia Francesa querer o seu.

Parte da questão 4 eu já respondi e parte não. Então eu acho que o fato dos acervos do Museu estarem muito ligados às formas de qualidades pretéritas, mas que têm continuidade no modo de vida do presente, seja na relação com a natureza, seja com relação com o espaço da colônia como um todo, com seu próprio terreno, onde pomares iniciados pelos avós ainda são cultivadas, onde ferramentas utilizadas a duas ou três gerações seguem sendo utilizadas ou recicladas ou tempo todo lembram delas... Tem estruturas nas casas, na propriedade, que são herdadas e que ainda são utilizadas e as pessoas que vêm da cidade... É uma ponta de ligação com a ruralidade, é uma coisa para lembrar de um período não muito distante no tempo, em que as pessoas tinham uma outra relação com o tempo, com

a natureza para sua vida e que o ritmo era diferente, em um ritmo que, durante muitos anos, mudou pouco e, repentinamente, mudou muito...Então, essas são percepções, assim, que o Museu propicia e que, de certa forma, é um elemento integrador entre diferentes coisas entre uma ruralidade do presente e ruralidades do passado, entre a urbanidade e a ruralidade.

Isso se dá também pelas experiências de sabores, das coisas que saboreiam no restaurante, a questão da bandeira no teto do restaurante – ela é fundamental porque ela ela evoca uma narrativa do passado que o Estado Novo, antes do Estado Novo, campanha da nacionalização, de como essa relação do imigrante com Brasil ela variou ao longo do tempo, com momentos que ela foi negatizada, que é o caso da época da Segunda Guerra Mundial, em que isso levou eles a terem estratégias de inclusão, de assimilação...Parte pela questão do futebol e a grande valorização do futebol da colônia como elemento da ruralidade pelotense, porque existem ruralidades mais gerais e genéricas e existem ruralidades mais específicas.

Essa questão da liga de futebol da Colônia é uma questão muito local, como ela se estruturou e ela é uma questão de divertimento, de sociabilidade...Enquanto tal, ela tem uma lógica,mas ao mesmo tempo nos permite entender um pouco como estratégias de como vincular passado e presente, não agora, mas algumas décadas atrás, para esses grupos sentirem mais assimiladas e darem respostas a algumas políticas de exclusão, naquela época da década de 40, que ficou para trás.

Em outras regiões do Rio Grande do Sul, essas comunidades mantiveram mais certos divertimentos como amora, como bocha, que se manteve por bastante tempo na região aqui de Pelotas, mas que diminuiu muito nos últimos anos...Eu percebi que a bocha perdeu muito espaço. 15 anos atrás, ela estava muito mais forte e então futebol de colônia, ele tem essa força aí e tá muito forte ali no Gruppelli...E se olhar no sétimo também, a rivalidade entre o Vila Nova e o Bachini é um negócio incrível, é um grenal local e tem acervo, né, o acervo do time do Bachini é uma coisa incrível.

A questão do patrimônio rural, tu pergunta uma visão acadêmica, então pode ser visto do ponto de vista do turismo, que seria também um olhar econômico...Pode ser visto do ponto de vista de legislação do patrimônio e pode ter um debate acadêmico.

De um modo geral, eu tenho uma crítica no que se refere ao Brasil, que é o

seguinte: há uma enorme desvantagem do patrimônio rural no sentido de ser um patrimônio que se localiza no espaço rural com relação ao patrimônio urbano, no sentido de seu patrimônio se localiza no espaço urbano no que se refere a toda e qualquer tipo de atenção no sentido de preservação do patrimônio, do ponto de vista dos órgãos e da legislação.

A quantidade de bens patrimoniais oficializados assim como tal, tombados nas esferas nacional, estadual e municipal, no espaço rural, é uma coisa muito ínfima com relação à importância que esses exemplares têm. Para falar disso, é necessário considerar também que o patrimônio rural pode ser um patrimônio da ruralidade e um patrimônio que se encontra no espaço rural, assim como um patrimônio urbano, ele pode se encontrar hoje no espaço urbano, mas ele pode falar de uma ruralidade pretérita. Então vou te dar um exemplo assim: pegando em Pelotas, Charqueadas é patrimônio rural ou urbano? A sede, se a gente remonta à sua época de atividade, aquilo é uma área rural; agora, hoje, ela está incorporada na área urbana.

Então, a gente pode ter núcleos urbanos incipientes que começaram a crescer da época que foram abandonados e que aquilo tá no meio de uma rua no espaço rural... A gente pode ter, no meio do espaço rural, uma antiga sede de estação de trem, por exemplo, ela é categorizada como? Então, estou problematizando isso aí.

Então, tudo que nós conhecemos, eu e tu, Maurício, conhecemos na área rural, né... Quantidade de espaços que mereciam ter sido inventariados como bens patrimoniais, vou citar o exemplo do que a gente perdeu, o Moinho do Gottinari, próprio Gruppelli, as cinco casas de pedra, por exemplo, que tem na Maciel... É uma coisa incrível... Também tem ruínas de casas de pedra ali na Vila Nova, na volta ali da Colônia Francesa, estou te citando alguns exemplos. A casa aquela da Maciel, que é a mais conhecida das casas de pedra que tem o andar de baixo de pedra e o andar de cima de madeira, que é a mais conhecida que tem, sofreu uma grande adulteração recentemente... Problematizei uma época essa questão e não há amparo nenhum para qualquer forma de acautelamento.

Na contramão disso, parte do patrimônio rural ligado e que possa ser identificado como patrimônio material, esse acaba tendo mais chance, só que gera uma certa discrepância porque esses modos de fazer eles têm uma correlação física

com algumas estruturas remanescentes, mas as estruturas físicas não têm nenhuma garantia...Então essa é a primeira questão que eu tô te colocando, uma reflexão acadêmica sobre uma crítica das políticas públicas de preservação do patrimônio, que ela só incidem no rural mais efetivamente no que se refere ao imaterial. Apesar de que, se a gente pensa na arqueologia, a gente faz muita pesquisa em área rural que resulta assim na identificação de sítios arqueológicos e que podem eventualmente, sim, resultar em algum acatamento daquela área determinando que ali o empreendimento não pode ser feito ou que deva ser feito algum salvamento arqueológico, seja patrimônio arqueológico histórico ou pré-histórico.

Então a arqueologia vai um pouco na contramão...Então há um pouco de respiro de possibilidade para formas de preservação no espaço rural...Só que aí começa a surgir as dificuldades, né, que ajuda a gente a entender porque também se evita levar adiante isso...É que há uma dificuldade; se há uma dificuldade de controle e fiscalização no espaço urbano, imagina no espaço rural, em que às vezes esses bens passam dias e dias, semanas e semanas, ou até meses sem ser vistos perante os olhos, então botar uma cerquinha assim é só para chamar atenção.

Então, ajuda a encontrar justificativa para a preservação de bens patrimoniais na área rural o fato de haver alguma interação com turismo, ajuda a dar viabilidade e discurso para justificar, né, pela questão que se pode associar ele, questão de gerar emprego e renda, né, para fixar a população na área rural. Só que, muitas vezes, bens patrimoniais estão muito distantes das áreas de maior circulação...

A casa mais impressionante que, quando eu conheci, já tem uns 20 anos, das 5 casas de pedra da Maciel, é a casa do -Zóiall. Ela é muito distante, entendeu, ela ficava numa beira de circulação do caminho antes de chegar na BR e depois mudou tudo, mudou completamente as vias de circulação, né, e então é um lugar que é difícil arranjar um estímulo...Nem sei o que que tem lá, faz uns 17 anos que eu não vou por lá. Era mais impressionante pelo tamanho, é monumental, né, como uma casa muito grande, porque as outras casas de pedra são bem pequenas. Eram vários ambientes, era uma CSA que merecia uma intervenção arqueológica naquela volta.

Agora a gente pode pensar patrimônio rural numa acepção mais lato sensu, assim, mais abrangente, mais generosa em pensando um conjunto de uma paisagem que dá amparo a modos de vida tradicionais, que se integram à vida

moderna, oferecendo alternativas de qualidade de vida, tá, e fazem parte dessas paisagens elementos edificados pelo homem e elementos naturais moldados pelo homem e pela mulher também, evidentemente.

Então é uma visão mais abrangente, né, de pensar como patrimônio...E a gente tem, então, primeiro na área da arqueologia da paisagem, depois na área do patrimônio, né, a definição de sítios como paisagem. Rio de Janeiro, por exemplo, é tombada como categoria de paisagem. Então, a categoria da paisagem, ela é mais pertinente a pensar uma forma de patrimonialização da área da região colonial do meu entendimento, antes que ela se caracteriza como um todo... Agora, quem se interessa por isso? Porque, às vezes, os agentes, atores locais podem entender que isso mais os atrapalhe do que os ajude. Então, uma outra forma é fazer patrimonialização de bens específicos, tá, dentro de uma visão oficial de patrimônio, porque existe patrimônio consagrado como tal, que é aquele que tem aprovado para algum instituto legal, existe os bens que têm patrimonialidade, que têm um potencial que é duas formas de ter patrimonialidade: uma é ter o potencial de patrimônio por ser um suporte de memória relevante para amarrar muitas identidades, tá, e merecedor de uma atenção nesse sentido e com olhar acadêmico sobre esse sentido; e outro é muito independente de olhar acadêmico, fato das comunidades locais já definirem que algumas coisas são patrimônios, mesmo que não haja um olhar oficial sobre isso.

Eu entendo que o patrimônio rural é uma das duas bases do que se chama turismo rural. O turismo rural ele está sendo aventado como um setor muito próspero para o turismo no pós epidemia, em que as pessoas vão procurar os lugares mais arejados, com menos concentração de pessoas, tá, então ele é a forma...É esse casamento entre turismo cultural e turismo natural, ecológico, de aventura, esse viés da aventura, ele é muito importante para Colônia, as cachoeiras e trilhas e tudo mais é muito compatibilizado como uma visão de patrimônio cultural na área rural.

Depois, quando a gente chama uma área rural de colônia, que é uma coisa muito do sul do Brasil, já há um toque de patrimonialidade nessa identificação, porque, quando a gente está falando colônia, a gente não fala somente de uma área rural, é uma área que tem uma certa configuração histórica e cultural que lhe caracteriza como colônia...Então, só o fato de identificar uma área como colônia já é uma visão de patrimônio, né.

Apêndice 4:

Questionário para entrevista com os fundadores

Entrevista com Paulo Ricardo Gruppelli

1- Como surgiu a ideia de criação do Museu?

Como ali nos quartos em cima do Museu, o pessoal se hospedava, na década de 30, por aí, e já existia um fluxo de veranistas, então o pessoal voltava com filhos e netos, que era comentado –a gente se hospedava em tal lugarll, e embaixo fazia um vinho, era um depósito, fazia várias atividades lá dentro... Então, eles conviviam com o que era a adega antigamente...Então o pessoal pedia para olhar,para lembrar, para redescobrir o contado pelos seus pais, seus avós. Aí, a gente teve a ideia, a gente começou a trabalhar novamente com turistas...Aí, tava o Neco Tavares que tava fazendo um trabalho e a dona Neiva, aí a gente teve a ideia de fazer a abertura do Museu.

2- Por que aqueles objetos em específico foram selecionados para formar o acervo naquele momento? Qual era a ideia que orientava essa seleção?

Aqueles objetos estavam à disposição, já existiam dentro do Museu e algumas peças da casa e, então, a gente começou a recolher e a juntar...Muitos já tinham lá dentro e a gente foi juntando aquelas peças, aqueles objetos e foram escolhidos aqueles que tinham maior vínculo, maior proximidade com a colônia...Realmente, alguma coisa a gente tirou pra fora e outras a gente descartou e aqueles ali que ficaram eram os que mais se identificavam com a região, objetos de atividades que eram mais procurados. A gente, mais ou menos, fez um apanhado, um histórico deles e optamos por aqueles ali.

E alguns objetos, pra complementar, pra não colocar objetos idênticos e parecidos, a gente ganhou uns de doação e também se adquiriu alguns dos colonos da região e então a gente montou com o que tava mais a mão, mais disponível e falavam algo sobre a nossa colônia.

3- Como foi sua participação na criação do Museu?

A minha participação foi intensa desde limpeza, pintura, identificação dos objetos, algum restauro, instalação elétrica, a ajuda foi intensa...Claro, tinham 3 ou 4 pessoas trabalhando, organizando, mas eu estava todos os dias; às vezes, faltava um ou outro, mas eu estava presente na organização de tudo, desde alguma reforma pequena, um restauro tanto no prédio ou alguma coisa a gente foi fazendo para melhorar o ambiente como iluminação esse tipo de coisa.

4- O que você considera que seja importante ser preservado no Gruppelli?

O que eu acho que deve ser preservado, restaurado realmente, que só o prédio já é muito importante porque é um prédio antigo e funcional; é algo que identifica bem aquela região, porque era uma região produtora de vinho, ali faziam 10, 15 ou até mais mil litros de vinho e outros tipo também, alguns fermentados alcoólicos...Então, eu acho que o prédio é o mais importante que deve ser preservado, a não ser que faça um museu muito mais moderno e retirem aquelas peças daquele lugar, porque realmente essas peças se identificam com o prédio, nele se faziam cerca de 15 mil litros de vinho, jurupinga, vinho de laranja, vários fermentados.

5- De que forma você acha que o Museu contribui para o público perceber as características do sítio no sentido de valorizá-las?

Essa pergunta de que forma o museu contribuiu...Sim, ele foi muito importante porque, quando começou aparecer visitantes para ver o nosso passado, despertou na população da região, valorizou o trabalho dos seus antepassados e muitos valorizaram não só o trabalho dos seus antepassados porque isso aí continuou...Esse trabalho, até hoje, tem o mesmo método de trabalho, método de produzir e tu sabe bem como diz o mestre Cazuzza: —o futuro repete o passado, então esse passado ainda está presente aqui, não totalmente como era antigamente porque essa colônia aqui era autossuficiente.

6- Quais características da região que você acha importante de serem preservadas e levadas para o futuro?

As características da região...É uma região de minifúndio; foi uma colonização feita para produzir alimentos, praticamente na década de 20, por aí, década de 30, era uma colônia com despensa...O pessoal poderia sobreviver a uma guerra que falta de alimento não teria, tinha bastante matriz de animal desde porcos, galinhas, entendeu?!É uma região que pode trabalhar um turismo, pode trabalhar um produto diferenciado, o pessoal que vem pra cá está praticando, que vem pra cá vem se alimentar...Uma coisa que tem aqui é a questão gastronômica que é bem gritante, é bem interessante no interior do município de Pelotas, porque muita produção de doces aí pra baixo, muita fruta, muita coisa sai daqui, muita coisa saiu da nossa região...Aqui foi a maior produtora de pêsego do Brasil, aqui nos fundos em um raio de 2km.

Se alimentar aqui na região, vim aqui pra comer, se alimentar é praticar um slow food, porque a maioria dos alimentos estão aqui no entorno, nossa colônia é muito rica, uma questão de despensa, aquela despensa que está em baldes guardados dentro da despensa, tanto como a despensa viva...Tem uma quantidade de animais aí, uma variedade de animais aqui que pode manter, por muito tempo, a alimentação da região e muitas frutas, vinhos, produtos, porque essa gastronomia aqui oferece, nossa gastronomia tem influência alemã, italiana, afro, é uma região híbrida, uma colonização híbrida; é uma coisa bem diferente porque aqui, bem adiante, a gente já tem o Pampa, que é uma região de latifúndio, mas aqui existe um pouco de produção de gado de corte e todos esses alimentos.

7- O que pode ser considerado patrimônio rural para você?

Uma região de colonização italiana, alemã, francesa e também tivemos esses quilombos que influenciaram muito a nossa gastronomia...Então, quer dizer, porque hoje, no momento que tu pensa em vim pra colônia de Pelotas, já te abre um link lá que tu vai ter uma boa alimentação, uma gastronomia variada, a fruta.

Geralmente, quando a pessoa tá na cidade e resolve sair pra colônia, eles já abrem um link na cabeça deles com laranja, com pão, com cuca com linguiça, entendeu?!Já abre um link lá e a pessoa já visualiza no mental dele esses tipos de produtos porque, na verdade, o carro chefe do turismo rural no interior de Pelotas é a gastronomia.À princípio, o início dele foi a gastronomia; claro, hoje, está abrindo outros tipos de atrativos, mas chega agora o inverno, é a gastronomia o carro chefe

da colônia de Pelotas.

E desse prédio aqui foi o princípio de uma indústria ao lado, que foi a Prinsul, que era de um tio-avô meu e mais algum pessoal, mais um ou dois colonos, e depois foi a CICA, e então isso aí começou mesmo...A primeira coisa que fizeram aí foi vinho e depois começaram a enlatar.

Essa nossa colônia aqui foi fundada e ela seguiu à risca para o que ela foi designada, ter uma produção boa, uma produção sadia, porque aí pra baixo, na planície, era charque, arroz e alguma coisa. A alimentação era pouca, no Laranjal tinham alguns sítios, tinha umas laranjas lá e aqui pra cima tinha produção para abastecer a cidade de Pelotas...Isso foi uma coisa pensada e essa nossa colônia cumpriu com esse papel designado pra ela pela Assembleia Legislativa, que foi um decreto de fundação dessa colônia.

Então, essa questão de produção aí, como eu tava te falando, o futuro repete o passado.Há 70, 80 ou até 90 anos atrás, os meus avós, bisavós produziam azeitonas, aspargo, pepino, produziam morango e era tudo industrializado na região aqui do lado...Então era uma colônia autossuficiente e, hoje, tu vê estão plantando de novo oliveiras; nós ainda temos alguns pés remanescentes...Então, essa questão gastronômica é muito gritante e isso leva essa colônia ser reconhecida, trouxe à tona, e a gente procura manter á tona esse tipo de característica da nossa colônia e de outras.

O turismo desenvolveu bastante a região aqui pela busca desses produtos: linguiça, conservas, bolachas, ovos da colônia, isso aí tudo nos representa desde a batatinha, desse tipo de produto, a banha...Tu vê, hoje, estamos aí em um resgate da banha, produtos de porcos, não suínos, suínos são porcos de granja tratados a ração...Esses aqui são porcos caseiros que o pessoal trata com milho, com batata doce e com esse tipo de coisa. É uma carne melhor, né, uma carne sem hormônios, com algum tipo de produtos com essas bombas aí químicas que dão nesses bichos aí para se criar, galinha também esse povo todo vem pra colônia em busca disso aí, de rever esse tipo de coisa, de interagir com esses animais, com arroio, com tudo, desde uma roseta, um espinho(risos).

E também tem uma questão ofensiva, não digo ofensiva, mas digo algum meio fora...Às vezes, tem pessoas que vem aqui e procuram galinha caipira e aí eu digo que não existe galinha caipira, mas que existe galinha da colônia, porque tu

sabe que galinha de capoeira é lá do nordeste e galinha caipira é de São Paulo, de Minas, pra aqueles lados lá, mas tem coisas aí que diferenciam pelo modo da gente designar um nome.

E essas propriedades que tem aqui foram passadas de avô para neto, de bisavô para bisneto; então, eu acho que tem propriedade aí que tem o rastro do primeiro colonizador até agora com seus bisnetos ou tataranetos...E também considero patrimônio os cemitérios, o cemitério do Gruppelli mesmo tem muita história pra contar, é só buscar com a população aí da região.

Os colonos aqui da volta antigamente ficavam constrangidos de chegar aqui na venda e comprar um pote de margarina, um pão pronto, um leite, uma manteiga. Os cara chegavam aqui e diziam: — Pô, tem que fazer uma manteiga em casa e fazer um pão; era admissível pra eles sabe comprar um pão, chegavam aqui envergonhados, e isso era uma questão que parece que descaracterizava a maneira deles, talvez até pelo preço, porque tu quer um suco, tem a laranja em casa, tem o morango, vai fazer esse tipo de coisa em casa pra não gastar...Porque, anos atrás, esses colonos aqui emprestavam dinheiro, as pessoas da cidade vinham aqui buscar dinheiro; hoje é o contrário: as pessoas vivem financiando coisa...Antigamente, as pessoas vinham da cidade, chegavam nesses colonos aí e pedir dinheiro a juros os cara tinham. Hoje, os cara tem, mas não emprestam mais, mas eles guardavam tudo, seguravam tudo, acho que até pela dificuldade que os antepassados deles passaram na Europa, esses lados aí, então eles se precavam, nunca comiam o último pote de doce que tinham até fazer outra tachada, até chegar a safra de tal fruta, de tal doce pra passar no pão, né...E isso aí, deixavam uns dois ou três vidros, se não dá o morango, outra coisa que estraga, o pêssego mesmo, o pêssego mesmo aqui da região é um patrimônio porque o pêssego mesmo começou por aqui – a maior concentração de chácara de pessegueiro, na década de 70, por aí, era aqui em um raio de 1,5 km.

O esporte na região é bem aceito, todo mundo gosta de praticar um futebol, uma bocha, essas são atividades esportivas que estão bem inseridas dentro da colônia...Pra ti ver que esse time de futebol foi fundado em 1924. Pode-se dizer que é um dos clubes de futebol mais antigos da região em atividade, convidado até pra fazer fundação de outros clubes, até de time de cidade de Canguçu; convidavam o Grêmio Esportivo Boa Esperança pra fazer os primeiros jogos.

Nós temos tijolos aqui do Hermógenes Gruppelli de uma olaria aí que muitos tijolos foram colocados nessa casa, tijolos de olarias antigas feitos à mão, cortados à mão; telhas que a gente tem algumas nessa casa também com o nome gravado do Hermógenes Gruppelli.

Essa bandeira do Brasil aqui no teto, acredito que não deve existir muitas no Brasil...Isso é uma prova de brasilidade, uma maneira de escapar de uma perseguição. Essa bandeira do Brasil aqui é um dos selos nacionais e foi feita por uma necessidade de mostrar a brasilidade, patriotismo, mas foi feita meio que na marra porque tu sabe como eram as coisas naquele tempo.

O armazém, o pessoal vem aqui pra interagir e aí falam: —Olha aí uma venda, lembra da venda do vô, lembra da venda do seu Zé em Rio Grande, aquela não existe mais...Aí o cara fala: —Não, mas tu sabe que existe uma lá, perto não sei da ondell...Então, sabe, o pessoal vai contando tal lugar tinha uma venda tal, assim, do seu João, meu avô tinha uma venda assim e muita gente vem e diz assim: —Olha o cheirinho da venda, parece o mesmo cheiro daquela venda, um cheiro de bala, cheiro de chocolatell, entendeu?!O pessoal...Até o olfato deles eles conseguem relacionar com uma venda antiga que eles já tiveram ou do vô, do tio, vizinho, do bairro ou de outra colônia.

E aí as pessoas começam a procurar datas: —bah que idade tem essas prateleiras aí? 90, 100 anos?ll, entendeu?!Os outros querem que eu venda essas prateleiras, sabem que não vendo, mas ficam perguntando, estimando data do armazém e aí começam fotografar e aí até a gente deixa eles passarem para o outro lado do balcão, segurar uma linguça, botar uma mercadoria em cima do balcão e simular um atendimento.

Daqui a pouco, chega aquele senhorzinho que frequentava boteco ou frequenta ainda, e aí pergunta: —aí tem canha Tatuzinho, me serve um martelinho de Tatuzinholl; aí eu digo —o senhor quer com Demberg?ll; e ele: —ah, tu tem o Demberg e é do legítimo...Bah, me dá aquill.E aí o pessoal gosta e começa a conversar e dizer: —Bah, esse Demberg é bom; passa a canha, Tatuzinho; bah, e tu tem canha 51, pô tu tem umas canha boa aill...E eu digo —meus clientes são de qualidade, são de naipe e tem que dar umas cachaça boa para os carall.Aí os cara dizem: —Bah, quanto tempo não tomo uma cachaça no balcão e conversando com o botequeiroll.E aí começam a fotografar e fazer pose, pedir pra gente sair junto na fotografia, aí

olham uns licores, olham esses produtos, eles se sentem realmente em um local que dá saudade para eles.

E daí se entabula uma conversa, né, aí o pessoal já começa a puxar outro tipo de assunto, se a venda sempre foi nossa, ano de fundação...Aí, a gente começa a falar sobre o ano de fundação da colônia, os tipos de produtos, o que tinha antes também, aí tu faz aquele pacotinho de —orelhinha de bala, tu pega aquele papel de balcão que aquilo vem bala, balas de papel, que a gente chamava esses papel tudo —empilhadinha; tu enrola um pão e tu gira e fica essas —orelhinhas e aí as pessoas vão interagindo e pedem pra tentar e perguntam como que não rasga e assim tu vai fazendo aquele teatro todo, mas é o que povo quer. Mas tu sabe que quem trouxe os supermercados pro Brasil foi o Dom Charles Bird e dizem que esse cara morou em Pelotas; esses supermercados...E aí as vendas ficaram obsoletas, mas tu sabe que a grande coisa de uma venda é que as pessoas te pedem uma mercadoria e tu alcança em cima do balcão, né...Então, além de tu fazer uma venda direta, tu cria uma relação com a pessoa, né, aí tu escolhe, pode indicar teus produtos como: —bah, tenho um toucinho bom; bah, eu tenho um feijão de qualidade; bah, eu tenho lá uma banha, eu tenho um doce...Entendeu?!E tu ainda explica a mercadoria, porque as pessoas gostam de ter uma informação do produto...Aí agente fala:—esse produto esse fornecedor faz; esse outro é do vizinho ali, há 500 ou 600 metros; essa laranja aqui é ali dos fundos; esse pêssigo é da chácara lá em cima; esse porco foi criado aqui na propriedade e esse toucinho saiu dele...Então, tu entabula uma conversa, tu vai dizendo da onde é essa mercadoria, e as pessoas querem saber isso aí e querem saber de uma boca, não adianta tu escrever; o que não sabemos, a gente inventa (risos).

Tem pessoas que dizem que eu não posso mexer nessa venda, tem que fazer um restauro porque mexer nessa venda é uma coisa muito meticulosa, não pode pegar qualquer tipo de arquiteto e aí eu fico cheio de grau, porque a venda está toda corroída...E aí eu digo que é isso mesmo...Por isso que eu não tomo essa atitude?Mas tu sabe que, se eu mexer nessa venda, muitos vão gostar, mas muitos também vão odiar alguma interferência, alguma coisa que faça errada e descaracterize a venda, descaracterize o local...E é um argumento que eu uso pra não precisar reformar, né.

No projeto há anos atrás, até alguns arquitetos já fizeram alguns projetos de

restauro, pelo menos nos quartos dos cantos da casa, esses sótão, e alguns projetos do pessoal da arquitetura fizeram uns desenhos dos quartos. A gente já teve isso, anos atrás, com o projeto crutaqui. O problema é o seguinte: tem muito arquiteto aí do SEBRAE, mesmo querendo que a gente botasse tamborete na frente pra fazer tipo barzinho de frontal de universidade, é meio diferente... Tu não pode fazer uma modificação, uma mesa tem que ser de madeira, o pessoal quer usar umas coisas mais alternativas, tu não pode fugir muito do que é. Além do mais, essa venda aqui é um ponto de reunião e também de informação... Sabe que, geralmente, o comerciante sabe tudo o que acontece – não que eu seja fofoqueiro (risos) –, mas muita gente vem pedir informação na passada, como que está a estrada, os vendedores passam aqui pra perguntar sobre moradores e os entregadores chegam aqui pra pedir informação.

E as pessoas têm um direito de chegar aqui e te oferecer uma mercadoria sendo um fornecedor que a gente conhece... Aí o cara, por exemplo, tem um excedente de bergamota na casa dele, a gente compra ou troca por mercadoria, faz um escambo; o cara tem lá um excedente de laranja, entendeu?! a gente compra; o outro tem um excedente de feijão, a gente compra da pessoa, estando em condições, né... A gente comercializa, faz escambo troca, por mercadoria, se faz qualquer negócio se o produto é de qualidade... Então, o fornecimento é praticamente automático, as pessoas ligam e dizem que tem tal coisa aí, perguntavam se pode levar... Então a pessoa vem, vende seu produto e já leva outra mercadoria, é quase um posto de troca.

E também, como no local ao lado tem um posto médico que traz uma clientela, como tem mais a barbearia do lado que, às sextas e sábados, o pessoal vem cortar um cabelo e já vai na venda, como é final de linha de ônibus isso proporciona uma venda de bala, de rapadurinha, de água, refrigerante... Então essa estrada aqui, pra um armazém desse porte, é um local excelente... Vamos supor se pegasse esse armazém e deslocasse ele pra uma outra região, ele não teria a funcionalidade dele como tem hoje, ele foi se adaptando e se moldando conforme as necessidades da colônia.

A gente tem uma venda também porque se vende muitos produtos que o pessoal consome no Restaurante e gostam... Aí perguntam se tem aquele feijão, por exemplo, aí a gente vai ver se tem pra vender o mesmo produto para o

cliente...Então, isso aí também proporciona uma venda.

Esse contato direto com o cliente tu pode explicar a mercadoria, quais os benefícios que ele vai ter: a qualidade, o gosto, um produto único, um produto local. Então, tu põe qualidade na mercadoria porque, de outra forma, tu não conseguiria, mas sempre existe aquela desconfiança, mas, se tu conseguir conversar com o cliente e explicar, aí a pessoa vira um cliente fiel, já fica com essa fidelidade com o produto e então o pessoal retorna pra procurar, para levar pra família.

Entrevista com Margareth Acosta Vieira

Questionário Maurício – 29.04.2021

1- Como surgiu a ideia de criação do Museu?

A ideia de formar um museu na localidade Gruppelli partiu do fotógrafo Neco Tavares. Quando ele viu o sobrado repleto de objetos, já que era o depósito do Ricardo, além de vários outros objetos espalhados pela propriedade, percebeu que a ideia de formar e expor um acervo representativo da localidade não só era viável como prometia ampliar o interesse das pessoas pela localidade.

Essa proposta foi recebida por entusiasmo pela minha mãe, que é amiga da família. De início, o Ricardo não gostou muito, mas, aos poucos, foi aceitando a sugestão de perder o depósito para uma atividade mais interessante. Depois do Ricardo e da Dona Norma aceitarem a nova ocupação do piso térreo do prédio do sobrado, o Ricardo, a Dona Neiva e o Neco passaram a coletar objetos na propriedade e entre os moradores das proximidades.

2- Por que aqueles objetos em específico foram selecionados para formar o acervo naquele momento? Qual era a ideia que orientava essa seleção?

Foram selecionados todos os objetos antigos (ou quase todos) encontrados na propriedade que foram disponibilizados pela família. Eram peças variadas, tais como instrumentos agrícolas, louças, fotografias, impressos, quadros etc.

A ideia que orientava a seleção era apenas reunir tudo o que fosse antigo e tivesse sido utilizado pela família e os moradores da localidade.

3- Como foi sua participação na criação do Museu?

Eu, Margareth, não participei da criação. Lembro apenas ter confeccionado uma gravura com silhuetas repetidas do prédio, impressa sobre fundos diversos. Essa gravura estava exposta no museu. Não fui à inauguração.

4- O que você considera que seja importante ser preservado no Gruppelli?

Acredito que tudo que possa ser preservado deva ser preservado, o que inclui além do parque, do arroio, dos prédios, do museu, o modo de vida, ou seja, a estreita relação com a natureza e o turismo.

5- Quais as características da região que você acha importante de serem preservadas e levadas para o futuro?

Penso que tudo que estiver relacionado com essa ruralidade colonial herdada de seus antepassados deva ser valorizado e repassado as novas gerações. Abro aqui um parêntese. Antigamente, os colonos vinham à cidade para vender sua produção. Hoje, o Julio Gruppelli retomou essa atividade comercial. Então eu, moradora da cidade, posso comprar direto do produtor, toda semana, mel, queijo, ovos, bolachas, produtos com marca de qualidade advinda de uma longa experiência, conhecimento que não deve ser desperdiçado.

6- De que forma você acha que o Museu contribui para o público perceber as características do sítio/território no sentido de valorizá-las?

Ao expor, através de objetos, um modo de vida, o museu evidencia e valoriza essa identidade colonial que ainda é transmitida de geração a geração.

7- O que pode ser considerado patrimônio rural para você?

Considero como patrimônio rural, no caso colonial, o modo de vida que contempla a estreita relação com a natureza e a comunidade local.